



Curso de Contação de Histórias - A Arte de de Cultivar as Palavras

Solicite agora mesmo seu certificado de **40 Horas** (no link abaixo)

[\[Clique aqui para solicitar certificado\]](#)



Veja um modelo do certificado!





**Somos a maior rede de Cursos
Pedagógicos do Brasil. Temos mais de
200 mil alunos matriculados em todo o
país!!**

**Nossos Cursos são reconhecidos e aprovados
pela ABED, Faculdades, Escolas, Prefeituras e
Instituições!**



Use o Certificado para:

- ✓ **Evolução Funcional**
- ✓ **Provas de Títulos**
- ✓ **Horas Complementares na Faculdade**
- ✓ **Concursos Públicos**
- ✓ **Processo de Recrutamento e Seleção**
- ✓ **Enriquecer seu Currículo**

DICAS IMPORTANTES PARA O BOM APROVEITAMENTO

- O objetivo principal é aprender o conteúdo, e não apenas terminar o curso.
- Leia todo o conteúdo com atenção redobrada, não tenha pressa.
- Explore as ilustrações explicativas, pois elas são fundamentais para exemplificar e melhorar o entendimento sobre o conteúdo.
- Quanto mais aprofundar seus conhecimentos mais se diferenciará dos demais alunos dos cursos.
- O aproveitamento que cada aluno tem é o que faz a diferença entre os “alunos certificados” e os “alunos capacitados”.
- A aprendizagem não se faz apenas no momento em que está realizando o curso, mas também durante o dia-a-dia. Ficar atento às coisas que estão à sua volta permite encontrar elementos para reforçar aquilo que foi aprendido.
- Aplique o que está aprendendo. O aprendizado só tem sentido quando é efetivamente colocado em prática



Sumário

Contação de Histórias: A Arte de Cultivar Palavras **Erro! Indicador não definido.**

DICAS IMPORTANTES PARA O BOM APROVEITAMENTO **Erro! Indicador não definido.**

MÓDULO I - CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: UM RECURSO PEDAGÓGICO NO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM 5

MÓDULO II - A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL 33

MÓDULO III – A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL E ENSINO FUNDAMENTAL 56

MÓDULO IV - CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: RESGATE DA MEMÓRIA E ESTIMULO À IMAGINAÇÃO 82

MÓDULO V - TÉCNICAS PARA ENRIQUECER A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO AMBIENTE ESCOLAR..... 94

REFERÊNCIAS 113



MÓDULO I - CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: UM RECURSO PEDAGÓGICO NO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM¹

Autores; Aline Macedo de Souza, Odair Benedito Francisco

O presente trabalho discute a importância do ato de contar histórias no espaço da educação infantil, realizando uma reflexão sobre possíveis estratégias que auxiliem nesta prática em sala de aula.

Segundo Busatto (2003), a contação de histórias é uma atividade necessária e imprescindível no processo de desenvolvimento da criança, pois ela ajuda na formação da personalidade humana e, por isso, deve ser desenvolvida e valorizada no meio escolar, a fim de potencializar a linguagem e diferentes outras habilidades, favorecendo também o processo de ensino e aprendizagem e socialização da criança.

Este artigo aborda como o ato de contar histórias na educação infantil favorece a aprendizagem, tendo a intenção de analisar como o professor pode inseri-lo nas suas propostas e planos de aula com a intenção de despertar o interesse dos seus alunos para este tipo e atividade.

¹ Módulo I – reprodução total - MÓDULO I - CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: UM RECURSO PEDAGÓGICO NO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM - Autores; Aline Macedo de Souza, Odair Benedito Francisco – Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:PLuH0s3rJQMJ:revistas.unoeste.br/revistas/ojs/index.php/ch/article/download/1919/1829+&cd=19&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>

A escolha dessa temática justifica-se por se tratar de um assunto que sempre se faz presente nas práticas da educação infantil, sendo um elemento facilitador para abordar diferentes temas nessa etapa de escolarização.

Coelho (1984) disserta que:

[...] a história é importante alimento da imaginação. Permite a o uso da linguagem, favorecendo a aceitação de situações desagradáveis, ajuda a resolver conflitos. Agrada a todos, de modo geral, sem distinção de idade, de classe social, de circunstância de vida. Descobrir isso e praticá-lo é uma forma de incorporar praticidade à vida, [...] (COELHO, 1984, p. 12).

Como objetivos do presente trabalho destacamos: levantar informações sobre o surgimento da contação de histórias, descrever estratégias para o trabalho com elas e dissertar sobre a importância da literatura na Educação Infantil.

Para tanto, parte-se da hipótese de que será possível um trabalho significativo, utilizando-se da contação de histórias com as crianças da educação infantil desde que seja adotada uma concepção pedagógica que as considere como autônomas, criativas e construtoras de conhecimento.

METODOLOGIA

O levantamento de informações para a elaboração deste trabalho, baseou-se em um arcabouço teórico referente ao estudo da contação de histórias a partir da análise de material bibliográfico impresso e digital da biblioteca virtual Scielo que dispõe de pesquisas científicas na área do conhecimento específica, além dos documentos publicados pelo portal do Ministério da Educação (MEC).

Esta pesquisa bibliográfica qualitativa, de caráter investigativo, culmina com as ideias de Cervo, Bervian e Silva (2007), em que

a pesquisa bibliográfica procura explicar um problema a partir de referências teóricas publicadas em artigos, livros dissertações e teses. Pode ser realizada independentemente ou como parte da pesquisa descritiva ou

experimental. Em ambos os casos, busca-se conhecer e analisar as contribuições culturais ou científicas do passado sobre determinado assunto, tema ou problema (CERVO; BERVIAN; SILVA, 2007, p. 60).

Desse modo, o artigo está dividido em três capítulos, sendo que no primeiro apresentamos o levantamento de informações sobre como surgiu a contação de histórias no âmbito da educação infantil. O segundo capítulo traz a importância da contação de histórias na educação, mais especificamente na Educação Infantil, com crianças de 02 e 03 anos. Já no terceiro capítulo apresentamos as estratégias para as salas de aula que auxiliam na contação de histórias. Portanto, descrevemos algumas atividades que possam contribuir tanto para as professoras da sala comum, ou seja, aquelas sem formação

específica em literatura, quanto para os professores que são habilitados e especialistas em contação de histórias.

Nesse sentido, por ser uma pesquisa qualitativa, Cruz (2011) destaca que este tipo de pesquisa:

é basicamente aquela que busca entender um fenômeno específico em profundidade. Ao invés de estatísticas, regras e outras generalizações, ela trabalha com descrições, comparações, interpretações e atribuição de significados possibilitando investigar valores, crenças, hábitos, atitudes e opiniões de indivíduos ou grupos (CRUZ, 2011, p. 21).

A partir disso, a pesquisa adquire um efeito significativo, por tratar do tema central no âmago da sociedade e de seus indivíduos, buscando relações entre teoria e prática para que seja possível uma ressignificação possível de contextos escolares no que se refere às atividades de contação de histórias na Educação Infantil.

1 O Surgimento da Contação de Histórias

O ato de contar e recontar histórias são uma ação que ocupa a mente humana há muitos e muitos anos. Pessoas de vários lugares do mundo contam histórias para se descontraírem, passarem conhecimento, ou para simplesmente não sentirem o tempo passar. Até mesmo antes da invenção da escrita pela

humanidade, já se contavam histórias. As histórias foram passadas de geração em geração e hoje são lembradas em livros, filmes na televisão e até mesmo nos jogos. Mesmo com toda a tecnologia, a tradição do conto oral ainda se mantém.

Definindo “contação de histórias”, Torres e Tettamanzy (2008) afirmam que:

[...] o termo 'Contação de histórias' não existe gramaticalmente. O termo é uma expressão relativamente recente, livremente traduzida e adaptada de países de língua castelhana "cuentacuentos", que pode significar tanto o ato de se contar histórias, quanto o próprio contador.” na língua inglesa, temos o termo "Storytelling” que é o ato, ou capacidade de se narrar um fato, ou história, de improviso, ou planejadamente, usando diversos tipos de recursos, ou um apenas. Os termos que se encontram fora do uso oficial da língua, mesmo que nela não encontrem referência nos dicionários e acordos ortográficos, sim, fazem parte da nossa língua, desde que não seja um erro ortográfico, ou de construção verbal (TORRES; TETTAMANZY, 2008, p. 5).

As primeiras produções infantis foram realizadas pelos profissionais da educação no fim do século XVII e durante todo o século XVIII.

Assim, Coelho (1984, p. 31) afirma que “estudar a história é ainda escolher a melhor forma ou o recurso mais adequado de apresentá-la”.

Desde a pré-história até os dias de hoje, há a necessidade de descobrir o sentido da vida, buscando interpretações para as inquietações, transmitindo conhecimento dos antepassados para as novas gerações, o que impulsiona a necessidade de ouvir, contar e recontar histórias.

De acordo com Coelho (1984), o ato de contar histórias, muito antes da invenção da escrita, era o jeito mais importante de passar uma informação adiante. Tudo que uma cultura precisava preservar, suas crenças, sua história e suas tradições tinha que ser contado oralmente, ato este conhecido como tradição oral. Em algumas culturas apenas os contadores podiam usar essa metodologia de contar e passar tradições e crenças oralmente. Os bons contadores precisavam ter boa memória e utilizavam-se de estratégias interessantes para contar suas histórias, assim as pessoas nunca esqueciam-nas. Muitas vezes, essas histórias eram contadas de forma ritmada, assim tornavam-se mais fáceis de serem lembradas.

Pontes (2010) comenta que a literatura de cordel se desenvolveu no nordeste do Brasil, estando presente até hoje. Segundo o autor, as histórias têm sempre seu início nos poemas cantados. O cordelista vai improvisando seus versos e de forma rimada, constrói-se as histórias, e somente depois viram livros impressos para serem colocados à venda em um cordão, o que define a literatura de cordel. Para que os livros sejam vendidos, o vendedor precisa ir cantando as histórias, acompanhado de um instrumento musical, geralmente uma viola.

As histórias narradas por uma determinada população vão ganhando novas versões com o tempo. Um bom contador de histórias pode modificar uma história com o intuito de aprimorá-la ou pelo fato de ter esquecido uma parte dela, acaba inventando algumas partes, fazendo uma nova versão.

A tradição oral é diferente da escrita e não é criada por somente uma pessoa. Ela necessita de toda uma cultura para remodelar uma história, que vai se reformulando a cada geração. Na maioria das vezes, as histórias só passam a ser escritas muito depois que foram criadas e transmitidas oralmente.

Segundo Scholes e Kellogg (1977),

Enquanto um homem tem a capacidade de criar uma nova habilidade, outro a tem para julgar se ela será bênção ou maldição para seus usuários. Você não inventou um

medicamento para fortalecer a memória, mas um substituto inferior para ela. Você está proporcionando aos seus alunos uma maneira de parecer sábios sem verdadeira sabedoria (SCHOLES; KELLOGG, 1977,

p. 12).

Pode-se dizer que não existe uma sociedade que não apresente a necessidade de fabular, de inventar-se ou de construir seus mitos e seu imaginário. Toda civilização que existiu contou. A nossa sociedade é mecanicizada, e a contação de histórias nos faz refletir sobre qualidades e morais já não muito presentes no cotidiano. Porém, até hoje são valorizados os

conhecimentos transmitidos pela oralidade em que se redescobre o significado das experiências coletivas. Nesse sentido, Meireles (1979) destaca que:

O ofício de contar histórias é remoto [...] e por ele se perpetua a literatura oral, comunicando de indivíduo a indivíduo e de povo a povo o que os homens, através das idades, têm selecionado da sua experiência como mais indispensável à vida (MEIRELES, 1979, p. 41).

O costume de ser ouvinte de histórias desde muito pequeno auxilia na formação da identidade, pois, no momento da contação, estabelece-se uma relação de troca entre contador e ouvintes, o que faz com que toda história cultural e afetiva destes volte à tona, levando-os a ser quem são. “Contar histórias é uma arte porque traz significações ao propor um diálogo entre as diferentes dimensões do ser” (BUSATTO, 2003, p. 10).

Coelho (1984) afirma que as crenças sobre deuses relacionadas à religião são chamadas de mitos, e que estes dizem como um povo acredita ou acreditou um dia, podendo explicar a origem do mundo ou como as pessoas surgiram, como nasce o arco-íris, o sol, o mar, etc. Na tradição esotérica asiática acredita-se que as histórias guardam muita sabedoria. Por esse motivo, toda vez que acreditavam que uma pessoa poderia estar “louca”, chamavam um contador de histórias para acalmá-la.

Os contos folclóricos também surgem em diversas culturas, podendo ser muito parecidos com os mitos. Eles podem causar medo, contar uma aventura, serem engraçados, etc. Alguns contos narram histórias sobre heróis poderosos

ou sobre trapaceiros espertos que enganam outros personagens, ou ainda contos que falam sobre caipiras, ladrões, fantasmas, bruxas, animais que falam. As histórias que sempre apresentam elementos como paixão, mistério e aventura estão presentes na coletânea das “Mil e Uma Noites”, na qual a personagem Sherazade “curou” o coração do sultão” (SCHOLES; KELLOGG,1977).

As cantigas infantis, parlendas, quadrinhas, contos de fadas, fábulas e algumas brincadeiras com as palavras fazem parte dos contos folclóricos. A fábula ensina uma lição sobre o comportamento adequado das pessoas com a utilização de personagens animais que falam e que apresentam comportamentos parecidos como de uma pessoa. “Os contos de fadas falam sobre seres mágicos como fadas, bruxas, dragões e duendes, entre outras criaturas fantásticas” (BETTELHEIM, 2002, p. 152).

Um jeito de entreter as crianças com versos curtos são parlendas ou os trava-línguas que as pessoas vêm usando há séculos, proporcionando momentos prazerosos e lúdicos para uma aprendizagem significativa.

Os acalantos e os chamados brincos são as brincadeiras musicais que fazem parte do começo da vida de qualquer criança. Os adultos usam-nos para adormecer bebês e tranquilizar crianças pequenas; para entretê-las e animá-las. Entre os brincos, os adultos usam “Serra, serra, serrador, serra o papo do vovô”, dentre outras variações possíveis de serem encontradas em toda parte do país. Este brinco é cantado enquanto se imita o movimento do serrador. “Palminhas de guiné, pra quando papai vier...”, “Dedo mindinho, seu vizinho, maior de

todos...”, “Upa, upa, cavalinho...” (domínio popular) são exemplos de brincos que, espontaneamente, os adultos realizam junto aos bebês e crianças (BRASIL, 1998).

O Referencial Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) ainda ressalta que as parlendas propriamente ditas e as mnemônicas são rimas sem música. Usam-se as parlendas como os seguintes exemplos: “Rei, capitão, soldado, ladrão, moço bonito do meu coração...”; “Lá em cima do piano tem um copo de veneno, quem bebeu morreu, o azar foi seu...”. Os trava-línguas são parlendas caracterizadas por sua pronúncia difícil: “Num ninho de mafagafos/ Seis mafagafinhos há/ Quem os desmafagafizar/ Bom desmafagafizador será...”, ou “Nem a aranha arranha o jarro, nem o jarro arranha a aranha...” (BRASIL, 1998).

As mnemônicas (conjunto de técnicas utilizadas para auxiliar o processo de memorização) referem-se a conteúdos específicos, destinados a fixar ou ensinar algo como número ou nomes. Um exemplo seria: “Um, dois, feijão com arroz/ Três, quatro, feijão no prato/ Cinco, seis, feijão inglês/ Sete, oito, comer biscoito/ Nove, dez, comer pastéis”, esboços ou improvisações, ou também na forma de jogos lúdicos ou brincadeiras (BRASIL, 1998).

De acordo com Rodrigues (2005),

A contação de histórias é própria de incentivo para imaginação e o entrelace entre o real e o fictício. Ao pensar em uma história para ser contada, faz-se necessário a tomada de experiência do narrador e de cada personagem

como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real. (RODRIGUES, 2005, p. 4).

A contação de histórias está ligada diretamente ao imaginário infantil. O uso dessa ferramenta incentiva não somente a imaginação, mas também o gosto e o hábito da leitura; muitas coisas acontecem ao usar a contação de histórias como, por exemplo, a ampliação e variação do vocabulário, conjunto de elementos que auxiliará no desenvolvimento do das estruturas referentes ao consciente e subconsciente infantil, a diferença que ele fara entre o espaço íntimo do indivíduo, com o mundo social, resultando na formação de valores, personalidade e crenças.

Para Meireles (1979),

[...] é a Literatura Tradicional a primeira a instalar-se na memória da criança. Ela representa o seu primeiro livro, antes mesmo da alfabetização, e o único, nos grupos sociais carecidos de letras. Por esse caminho, recebe a infância a visão do mundo sentido, antes de explicado; do mundo ainda em estado mágico (MEIRELES, 1979, p. 66).

Durante a contação de histórias transmitem-se conhecimentos, sendo que seu planejamento contribui para a formação e no desenvolvimento do processo ensino e aprendizagem. As histórias são uma maneira mais significativa que a humanidade encontrou para relatar as experiências, uma vez que nas narrativas

realistas, isso não acontece. A contação de histórias pertence à área das ciências humanas e também ao campo da educação, sendo uma atividade de comunicação (BRASIL, 1998, p.15).

Por meio dela, os homens repassam costumes, tradições e valores capazes de estimular a formação do cidadão. Por isso, contar histórias é saber criar um ambiente de encantamento, suspense, surpresa e emoção, no qual o enredo e os personagens ganham vida, transformando tanto o narrador como o ouvinte. O ato de contar histórias deve impregnar todos os sentidos, tocando o coração e enriquecendo a leitura de mundo na trajetória de cada um (BUSATTO, 2003, p. 87).

O Referencial Curricular Nacional da Educação infantil relata que a atividade de imaginar possibilita que o ser humano seja capaz de criar uma habilidade de entendimento e compreensão de histórias ficcionais, pois nossa vida apenas é entendida dentro de narrativas. As diferentes histórias transmitem muitas informações que chegam a abranger nossas emoções. As histórias têm um papel significativo, pois contribuem para o desenvolvimento do senso de justiça social e também de tolerância, proporcionando-nos criar novos rumos à imaginação, podendo ser eles bons ou ruins. Foi necessário fazer uma reformulação na literatura infantil para que a sua função social pudesse estar dentro dos critérios, respeitando as especificidades e necessidades da intencionalidade que a história tem e se transmite para uma criança (BRASIL, 1998).

2 A Importância da Contação de Histórias na Educação Infantil

A educação infantil apresenta uma rotina em que geralmente a contação de histórias está presente, uma vez que este tema está proposto no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), elaborado em 199, pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC).

Muitos professores não fazem ainda uso da contação de histórias, desconhecendo o quanto ela pode contribuir para a formação do aluno. Quando a usam, apenas o fazem para tranquilizar as crianças, não vendo as muitas possibilidades de uma história boa. O principal objetivo em contar uma história é divertir e estimular a imaginação, mas pode atingir outros objetivos, tais como: educar, instruir, conhecer melhor os interesses pessoais, desenvolver o raciocínio, podendo ser o ponto inicial para desenvolver algum conteúdo do currículo, aumentando o interesse pela aula ou permitindo a auto-identificação, auxiliando na compreensão de situações adversas e resolvendo conflitos (VILLARDI, 2005).

Chegaram ao seu coração e à sua mente, na medida exata do seu entendimento, de sua capacidade emocional, porque continham esse elemento que a fascinava, despertava o seu interesse e curiosidade, isto é, o

encantamento, o fantástico, o maravilhoso, o faz de conta (ABRAMOVICH, 1997, p. 37).

Durante as contações de histórias acontecem momentos mágicos que mobilizam a todos que fazem parte dessa atividade. Nas narrações, os professores estabelecem com os educandos um clima de envolvimento que os fazem lembrar da época dos primeiros contadores que se reuniam em volta do fogo e contavam para pessoas atentas às diversas histórias, sobre os costumes e valores daquele povo. Os espectadores não ficam mais em torno da fogueira, e nas escolas, são os professores os contadores de história, sendo o elo entre o aluno e o livro.

Em relação a isto, Pennac (1993, p. 124) discorre afirmando que “O ato de contar histórias é próprio do ser humano, e o professor pode apropriar-se dessa característica e transformar a contação em um importantíssimo recurso de formação do leitor”.

Podemos citar um grande número de possibilidades que a contação de histórias propicia em sala de aula. Servindo para divertir, educar, instruir, socializar, desenvolver a inteligência e a sensibilidade. A literatura não está recebendo um estímulo adequado.

Sekeff (2007) comenta que a contação de histórias possibilita aos educandos uma experiência positiva com o universo da leitura, não podendo ser uma tarefa rotineira que transforma a leitura em um instrumento de avaliação, fazendo com que os alunos se afastem do prazer de ler. Essa prática é necessária

para formar grandes leitores críticos, não bastando somente ensinar a ler, mas também ensinar a gostar de ler, a ler com prazer.

Segundo Ruan Hubert, no primeiro ano de vida os interesses da criança são especificamente orgânico-afetivos; entre um e três anos esses interesses são governados pelo movimento, percepção e linguagem; dos três aos sete anos, lidera o movimento lúdico, o jogo em geral, imagens, ficções e mitos (SEKEFF, 2007, p. 121).

Ao utilizar as diferentes narrações em aula, todos saem ganhando, tanto o aluno, que terá a possibilidade de imaginar e criar, quanto o educador, que fará de suas aulas mais produtivas num ambiente mais agradável, alcançando os objetivos pretendidos. Uma vez usando essa estratégia, os alunos ampliarão o contato com os diferentes materiais impressos, expandindo-se o universo cultural e imaginário.

Com as diferentes estratégias, a contação de histórias pode trazer descobertas, intrigar, provocar o riso, fazer pensar, ficar perplexo, encantado, etc. Para se contar uma história, é necessário percorrer um caminho infinito de descobertas e compreensão sobre o mundo. As narrativas despertam em quem ouve a emoção, imaginação e o gosto pela escrita e pela leitura, uma vez que contar histórias é trazer à tona segredos, envolver o ouvinte e convidá-lo a se apaixonar pela leitura.

Para Abramovich (1997, p. 35) “A contação de história é fonte inesgotável de prazer, conhecimento e emoção, em que o lúdico e o prazer são eixos condutores no estímulo à leitura e à formação de alunos leitores”.

Nesse sentido, Miguez (2000) discursa destacando que:

A alegria proporcionada pelas histórias deveriam ser a principal dimensão da pedagogia, visto que os alunos necessitam de estímulos e motivações para que possam se interessar pelos conteúdos, sendo assim as aprendizagens ficariam mais significativas (MIGUEZ, 2000, p.125).

Sabe-se que no cotidiano da Educação Infantil as contações de histórias vêm atendendo a diversos propósitos, sendo impossível pensar nessa modalidade da educação básica sem a utilização desta prática.

É notório que a contação de histórias é uma atividade praticada cada vez mais na escola, desenvolvida a partir do planejamento do professor, da visita planejada de um contador pela instituição escolar ou pela elaboração de espaços culturais, como feira do livro, bibliotecas, cantinhos de leitura, etc. O professor, por meio de sua formação, tem contato com diversas possibilidades de integração da literatura em sua rotina.

Segundo Abramovich (1997), ao considerar a contação de histórias como portadora de significados para a prática pedagógica, não se restringe o seu papel somente ao entendimento da linguagem, pois preserva-se seu caráter

literário, sua função de despertar a imaginação e sentimentos, assim como suas possibilidades de transcender a palavra.

A ação de contar histórias deve ser utilizada dentro do ambiente educacional, não somente pelo lado lúdico, muitas vezes exercitado em momentos estanques da prática, como a hora da história, mas incluí-la na sala de aula como metodologia que favorece a prática docente, promovendo aprendizagens múltiplas de diversos conhecimentos.

Na maioria dos casos, a Escola acaba sendo a única fonte de contato da criança com o livro e, sendo assim, é necessário estabelecer-se um compromisso maior com a qualidade e o aproveitamento da leitura como fonte de prazer. (MIGUEZ, 2000,p. 28).

Nesse sentido, evidenciamos que a contação de histórias deve ser usada como mecanismo e metodologia para o desenvolvimento dos alunos e de sua personalidade, melhorando de maneira significativa o desempenho escolar.

Muitos teóricos como Busatto (2003), Miguez (2000), Bettelheim 2002) falam sobre a questão da relevância dos textos literários no período de escolarização.

“É importante e complicado a tarefa de criação das crianças, a qual consiste em ajudá-las a encontrar significado na vida” (BETTELHEIM 2002, p. 11). Em primeiro lugar, o autor coloca o impacto dos pais nessa tarefa; e, em segundo lugar, cita a herança cultural transmitida de maneira correta, dizendo

que “Quando as crianças são novas, é a literatura que canaliza melhor este tipo de informação”. Em relação à leitura em si, ele acrescenta que “A aquisição de habilidades, inclusive a de ler, fica destituída de valor quando o que se aprendeu a ler não acrescenta nada de importante à nossa vida (BETTELHEIM, 2002, p. 12).

Bettelheim (2002) acredita que é estimulando os educandos a criar, imaginar, envolver-se, que se dá um grande passo para o enriquecimento e desenvolvimento da personalidade, por isso é de suma importância a utilização do conto. Acredita-se, também, que a contação de histórias pode interferir positivamente para a aprendizagem significativa, pois o fantasiar e o imaginar antecedem a leitura. Utiliza-se da leitura, por meio da contação de histórias, como instrumento metodológico para favorecer desenvolvimento dos alunos e melhoria de seu desempenho escolar, respondendo a necessidades afetivas e intelectuais pelo contato com o conteúdo simbólico das leituras trabalhadas.

3 Estratégias e estruturas para contação de histórias

O que é imprescindível a uma sessão de contação de histórias, mesmo que o ambiente seja simples, é a presença de elementos que façam dele um lugar diferenciado para essa atividade. Uma organização adequada para envolver as crianças nesse tipo de atividade depende do local e dos materiais que devem

estar de acordo com o texto e também a preparação de quem irá contá-la. Portanto, a decisão sobre como escolher e preparar esse lugar, certamente, levará em conta vários detalhes.

Sisto (2009) diz que algumas vezes as histórias são lidas diretamente do livro, mas que quando se decide não utilizar esse recurso incorpora-se o espírito de contador de histórias em sua plenitude. É necessário deixar claro que o livro estará e deverá sempre estar presente. A diferença é que, ao reduzir ou deixar de consultá-lo com muita frequência ao longo das histórias, o contador abre espaço para a utilização de técnicas próprias do mistério que é de contar histórias, além de abrir caminho para a sua criatividade. Sempre será possível fazer uma adaptação ao realizar uma releitura do texto, de acordo com as circunstâncias da comunicação oral.

Torres e Tettamanzy (2008) comentam que o modo como as pessoas, principalmente os pais e professores apresentam as histórias, desperta ou inibe a curiosidade, o interesse e o prazer em ouvi-las, tornando sempre um desafio para quem vai contá-las, pois é preciso investir não apenas no preparo, mas em todos os detalhes que podem ser agregados durante o percurso desse trabalho.

Segundo Otte e Kovács (2003), os incentivos e estímulos para que se possa contar uma narrativa são variados, mas para funcionar irão depender de como o contador direcionará todas as informações. Não existe nenhuma estratégia milagrosa que substitua o comprometimento do contador. Quem tiver

a pretensão em ser um contador de histórias melhor, deve elaborar algumas estratégias importantes em sua preparação.

Nesse sentido, o contador deve memorizar a história a ser contada e apresentada, familiarizando-se com cada parágrafo do livro para não perder “o fio da meada”; destacar e sublinhar os tópicos mais importantes, interessantes e significativos com gestos e variações de voz de acordo com cada personagem; vivenciar a história e envolver-se com ela; atrair os ouvintes para a magia da história; oferecer espaço aos ouvintes que querem interferir na história e participar dela; respeitar as pausas, perguntas e comentários naturais que a história possa despertar, tanto em quem lê quanto em quem ouve; deixar a alegria e o prazer provocados pelas histórias transparecerem para atingir os ouvintes (OTTE; KOVÁCS, 2003).

Segundo Abramovich (1997, p. 125), “o ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatrar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo. Afinal, tudo pode nascer dum texto!”. A criança, ao ouvir histórias, vive todas essas emoções. Afinal, escutar histórias é o início, para tornar-se um leitor, um inventor, um criador.

Já em relação ao local e o espaço físico para a contação de história, Vieira (2013) diz que é muito importante, pois interfere não apenas na desenvoltura do contador de

histórias, mas também em como os ouvintes receberão o conteúdo. Alguns dos aspectos que devem ser considerados dizem respeito à acomodação da plateia e quais características ambientais colaboram para a encenação e o conforto de todos. “Se o lugar é ao ar livre, deverá se procurar uma árvore ou pedra que sirva de fundo. Em espaços fechados, preferivelmente, as crianças devem ser posicionadas em semicírculo” (VIEIRA, 2013, p. 59).

Minami (2012) afirma que a contação de histórias deve ser realizada próxima às crianças. Além disso, é preciso protegê-las de fatores que prejudicam a comunicação, como janelas e espelhos atrás do contador de histórias ou ambiente afetado pela presença de ruídos indesejáveis, onde a acústica será um dos elementos que não pode ser esquecido. Uma das formas mais indicada para dispor os ouvintes é em semicírculo. Mesmo assim é necessário que se confirme todos os elementos citados anteriormente, inclusive prever os imprevistos.

Villardi (2005) disserta sobre a importância dos recursos materiais utilizados para a contação de histórias, destacando que:

[...] a leitura é o meio mais importante para se chegar ao conhecimento. Não importa a quantidade que lemos o que importa é com que profundidade chega-se a esse entendimento. É recomendável ser bastante criativo no uso de recursos materiais (VILLARDI, 2005, p.59)

Não se pode ficar somente preso a certos padrões, mas sempre é necessário variar de acordo com o público e com o assunto da história a ser

contada, modificando os materiais utilizados que, segundo Otte e Kovács (2003), podem ser o flanelógrafo para ilustrar uma narrativa com diversos assuntos ou simbolismos; as transparências confeccionadas pelas crianças para despertar o interesse e auxiliar na memorização da história; os slides com figuras da história despertam as fantasias para prender a atenção e concentração das crianças; os bichos de pelúcia e os fantoches para pequenas encenações; a massinha de modelar para a confecção de elementos ou personagens da história que ouviram; materiais colhidos na natureza pelas crianças, valorizando assim a sua participação; narrar histórias em museus, cemitérios com antigas sepulturas ou simplesmente convidar uma pessoa mais idosa para narrar sua história falando do passado.

Existem infinitas possibilidades que podem ser exploradas. Nesse momento histórico que vivemos, o educador precisa transformar sua sala em um local prazeroso e estimulante, fazendo uso das diferentes situações para que o aluno e ouvinte possam desenvolver livremente a compreensão e fazer questionamentos a partir da leitura de uma vasta literatura. Também é motivo de orgulho para o professor confirmar e poder sentir que os alunos foram motivados pelos livros e que com seu trabalho formou leitores críticos e criativos, sendo capazes de ler e reler, contando e recontando, analisando e interpretando qualquer tipo de texto, podendo ser ele pedagógico, formativo ou simplesmente pelo prazer com o auxílio de alguns objetos do cotidiano, como faca, garfo, copo, como passava a um tempo atrás na TV Cultura.

A cada história narrada para uma criança produz-se emoções e provoca-se reações. Por isso, segundo Arruda (2011), para a criança de 8 a 10 anos de idade, os mundos da fantasia e realidade se confundem por se fundirem. Os sentimentos e também os pensamentos das crianças estão em permanente transformação e ebulição. Isso acontece inconscientemente e acabam procurando respostas para certos anseios e medos (SISTO, 2005).

Corroborando a ideia deste autor, Pennac (1993) destaca que:

Qualquer história pode atingir uma criança profundamente e fazer com que ela peça a repetição dessa história durante dias e mesmo semanas, porque algo na essência de seu desenvolvimento e amadurecimento foi atingido (PENNAC, 1993, p.86).

Quadros e Rosa (2009) fez uma pré- seleção de temas que podemos contar de acordo com a idade e série que a criança está sendo mais atrativos para as crianças de até três anos os temas: Histórias de bichos e Contos rítmicos que sejam leves, lúdicos, bem- humorados e curtos. Já para a fase pré-mágica (crianças de 3 a 5 anos), os olhares já se voltam para histórias que tenham bichos ou contos de fadas pequenos com poucas personagens e enredo mais simples, pequenos poemas, parlendas e trava-línguas.

No ensino fundamental, a partir dos seis anos as crianças já buscam histórias de crianças, animais e encantamentos, contos de fadas mais elaborados, aventuras no ambiente próximo: família e comunidade. Aos oito e nove anos já estão em sua grande maioria alfabetizadas, compreendendo mais

o universo, buscando histórias humorísticas, contos de fadas mais elaborados, lendas folclóricas, mitos e histórias verídicas (QUADROS; ROSA, 2009).

Ao entrarem em uma fase que se aproxima da adolescência, a partir dos dez anos, os assuntos que mais os interessam são narrativas de viagens, mitos (persas, hindus, árabes e egípcios), histórias verídicas, romances e biografias (QUADROS; ROSA, 2011).

Arruda (2011) sugere algumas técnicas para contar e encantar. Destaca-se o olhar nos olhos dos ouvintes, como se estivesse contando somente para ele. Não se deve flutuar o olhar sobre os ouvintes, o olhar do contador deve estar atento aos olhos das pessoas, fazendo com que eles se sintam atraídos pela história.

A voz é o elemento principal da narração oral, merecendo uma atenção à parte. É importante observar a dicção que deve ser impecável, pronunciando-se todas as letras de cada palavra. É necessário evitar uma pronúncia muito devagar, as pausas são necessárias, mas cuidando sempre para que não sejam prolongadas (ARRUDA, 2011).

Começar com um pequeno diálogo antes das histórias, explicando o porquê da escolha do tema, quem escreveu a narrativa e se o tema gerador está presente em algum acontecimento importante (ARRUDA, 2011).

Como explica Amaral e Miller (2008):

[...] O contador tem o aval de para contar a história a seu modo, com formulações próprias, muitas vezes introduzindo expressões próprias da linguagem oral no decorrer do processo. Isso não é melhor nem pior do que ler história: cada ação tem sua contribuição a dar. O importante é que sejam desenvolvidas em sala de aula com as crianças (AMARAL; MILLER, 2008, p. 159).

Busatto (2003) destaca que repetir a história faz bem para as crianças principalmente para as menores, entre um e seis anos, que muitas vezes solicitam o reconto da mesma várias vezes. E quando isso acontece, reforçamos as imagens e mensagens da história, criando uma segurança linguística. Além disso, contribui para a construção do vocabulário infantil que sempre está aumentando. Toda vez que recontamos a mesma história, ela será compreendida e vivenciada de uma forma totalmente diferente a cada nova apreciação.

A duração pertinente de cada história irá depender do número de ouvintes, da idade e da técnica a ser escolhida para essa contação. Provavelmente as crianças manterão o mesmo tempo de atenção e concentração que ficam para outras atividades similares, tais como: brincar com objetos; folhear revistas em quadrinhos; brincar de pega-pega, etc (BUSATTO, 2003).

Nessa ótica, Rodrigues (2005) reforça que podemos remodelar as histórias, adaptando-as à faixa etária, pois algumas delas não são adequadas, podendo até mesmo traumatizar as crianças que nesta idade fazem muito silogismo à vida real. Já as crianças maiores conseguem lidar melhor com as

diferentes situações, não se traumatizam com os fatos, que muitas vezes são iguais, ou até mesmo mais suaves do que já vivenciaram com sua família.

Rodrigues (2005) comenta que mostrar ou não mostrar as ilustrações de um livro dependerá da proposta e dos objetivos do professor. Na grande maioria das vezes é quase impossível não mostrar. Se a história utiliza o livro como apoio, o professor deve estabelecer regras antes do início da leitura, podendo mostrar antes, durante ou ao término da contação.

Quadros e Rosa (2009) e Sisto (2005) dizem que histórias de medo contadas antes do processo de dormir podem atrapalhar o sono. Um exemplo são os adultos e adolescentes que, quando assistem a filmes ou algumas cenas mais fortes no fim da noite, acabam tendo pesadelos ou isso acaba ocasionando dificuldade para pegar no sono. Por esse motivo, as histórias para dormir precisam ser mais tranquilas e de preferência extensas para estimular o processo do sono. No entanto é muito saudável contar essas histórias no começo da noite, quando ainda vai demorar para dormir, para sobrar tempo para outras brincadeiras e assim dominar ou distrair os possíveis medos e receios que a ela possa ter estimulado.

Para Scholes e Kellogg (1977), as histórias ajudam no comportamento das crianças, por isso quanto mais novas, menos experiências afetivas, sociais e conhecimentos elas possuirão. As histórias ajudam nas descobertas de ações e atitudes, dando exemplos bons e ruins de possíveis consequências sobre os atos que os personagens podem fazer. Mesmo sem explicações, as crianças

percebem as escolhas de cada personagem e, por isso, distinguem o certo e o errado ou fortalecem atributos positivos como: determinação, compaixão, força de vontade e outros sentimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola é um ambiente de construção e reconstrução de conhecimentos e, como tal, deve dar especial atenção à contação de histórias, pois ela contribui na aprendizagem escolar em todos os aspectos: cognitivo, físico, psicológico, moral ou social, proporcionando um maior desenvolvimento perceptivo no aluno. Sobre suas vantagens, foram destacadas a aprendizagem de conteúdos, a socialização, a comunicação, a criatividade e a disciplina, aprender de forma lúdica e prazerosa.

Tomamos conhecimento do desafio que é proposto ao contar histórias, mas também que é possível desenvolver um trabalho com uma diversidade incrível de propostas na área da linguagem.

O trabalho com as histórias na Educação Infantil é um desafio frequente, tanto para organizar e desenvolver o currículo que atenda a todos, quanto à disponibilidade de repensarmos nosso trabalho nessa modalidade de ensino, num processo de reflexão sobre os nossos objetivos, os recursos materiais, ou seja, a nossa prática como um todo.

Ser contador e ouvinte de histórias remete a essa maravilhosa e prazerosa prática da oralidade, proporcionando a quem ouve uma oportunidade envolvente para desenvolver e enriquecer a imaginação, o vocabulário e vivenciar experiências. Na formação de uma criança, ouvir histórias é o primeiro passo da aprendizagem para se tornar um leitor, e sendo leitor irá ter um caminho infinito de descobertas e compreensão do mundo. O orador irá trabalhar a linguagem oral, possibilitando caminhos para que aprendamos a falar, ler e escrever e também a pensar melhor.

Sempre se faz necessário aprendermos novas técnicas ou simplesmente olhar os nossos alunos sabendo que eles são capazes em suas singularidades de aprender a seu próprio modo e tempo, rever nossas expectativas de professores, nossa forma de avaliar, melhorando a relação entre professor/aluno.

Cabe a nós, professores, o compromisso de garantir uma educação de qualidade, pois somos responsáveis pelo bom desempenho de todos os alunos que atendemos diariamente em nossas salas de aula.

Foi possível concluir que a literatura juntamente com a prática da contação de história representa um vasto “leque” de possibilidades dentro das salas de aula, desenvolvendo não somente a linguagem, como também auxiliando na elaboração e produção de bons textos, criando possibilidades pedagógicas diversificadas, criativas e estimulantes para desenvolver a atenção e a concentração dos alunos. Toda literatura bem contada, por mais simples ou curta que possa parecer, contribui para algo a mais no repertório da criança,

auxiliando o desenvolvimento de uma forma criativa, diferente e reflexiva, proporcionado pela oralidade uma riqueza extraordinária que irá permitir organizar todas as outras habilidades.



MÓDULO II - A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL²

Autora: SILVA, Angela Borba de Oliveira Prates

INTRODUÇÃO

² Módulo II – Reprodução total - A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL - Autora: SILVA, Angela Borba de Oliveira Prates – Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/a-importancia-da-contacao-de-historia-na-educacao-infantil/146813>

A arte de contar histórias é uma atividade que existe desde há muito tempo. A contação de histórias é passada de geração em geração, pois através dela é possível expressar sentimentos, emoções, e experiências. Para Leardini (2006, p, 26) o ato de contar histórias é uma forma de “encantar crianças e adultos com a magia que representa”.

È muito importante para a formação de qualquer criança, ouvir histórias, pois possibilita suscitar o imaginário infantil, criar novas ideias, estimular o intelecto, sentir emoções, descobrir o mundo, desenvolvendo assim todo potencial da criança, levando a pensar questionar e duvidar.

Para tanto, busquei alcançar alguns pontos, mostrar as possibilidades educativas da contação de história motivando crianças a aprender a ler e a escrever na educação infantil.

Por meio de pesquisa bibliográfica, o trabalho mostra qual a contribuição da contação de história na aprendizagem da criança na educação infantil.

Buscou-se como objetivo pretendido, Investigar a importância da contação de história da aprendizagem da educação infantil e verificar as noções de valores ao incentivo à leitura. Daí define-se os objetivos específicos que foram importantes para verificar a aprendizagem das crianças ao conhecer diversas histórias infantis, como possibilita a técnica de fazer o reconto, e o

desenvolvimento do hábito da leitura e o prazer de ler com rapidez e raciocínio, na habilidade social, na construção de conhecimento e no pensamento lógico.

A metodologia aplicada para a realização da pesquisa se deu a partir de leituras e reflexões do tema sugerido em várias fontes e autores. De posse dos materiais selecionados, foi feita as leituras e registros das informações consideradas essenciais. A partir daí, foi redigido o texto que compõe o corpo da pesquisa.

Por fim, se faz as considerações finais, um dos motivos da realização desse estudo é comprovar que com a utilização de contos de história em sala de aula, haverá uma contribuição á formação de atitudes sociais como, respeito mútuo, cooperação, relação social e interação, auxiliando na construção do conhecimento.

1- CONTAÇÃO DE HISTÓRIA

Contar histórias é uma atividade que ocupa a imaginação humana a milhares de anos, gente de todos os lugares conta história, para se divertir, ensinar, lembrar ou apenas passar o tempo. Se os adultos gostam de histórias, imagina a criança que gosta da fantasia. Como é divertido você observar um grupo de crianças no faz de conta, fazendo conta que está cozinhando, que é mãe e pai, que é professora e aluna, que é enfermeira e paciente e muitas outras. Partindo desse pressuposto podemos nos certificar do quanto à contação

de história é importante no mundo da criança. Contar história para a criança é oferecer a ela um leque aberto de oferta no mundo.

Segundo VIGOTSKI (2009, p.14)

No cotidiano, designa-se como imaginação ou fantasia tudo o que não é real, que não corresponde à realidade e, portanto, não pode ter nenhum significado prático sério. Na verdade, a imaginação, base de toda atividade criadora, manifesta-se, sem dúvida, em todos os campos da vida cultural, tornando também possível à criação artística, a científica e a técnica. Nesse sentido, necessariamente, tudo o que nos cerca foi feito pela mão do homem, todo o mundo da cultura, diferentemente do mundo da natureza, tudo isso é produto da imaginação e da criação humana que nela se baseia.

A primeira forma de relação entre imaginação e realidade consiste no fato de que toda obra de imaginação constrói-se sempre de elementos tomado da realidade e presentes na experiência anterior da pessoa.

Segundo CARVALHO (2010, p.26). “A contação de uma história deve ser um momento de fantasia e êxtase”. A criança (até mesmo o adulto) deverá sentir, naquele instante, que está encontrando um novo caminho. Algo que lhe ofereça uma possibilidade de ver a vida sobre um novo prisma.

Conforme ABRAMOVICH (2006, p.18)

[...] Contar histórias é uma arte... E tão linda! È ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido, e por não e nem remotamente declamação ou

teatro... Ela é o uso simples e harmônico da voz. Daí que quando se vai ler uma história – seja qual for- para a criança, não se pode fazer isso de qualquer jeito, pegando o primeiro livro que se vê na estante. [...]

Por exemplo, gêneros diferentes de história podem despertar sensações variadas como, os mitos, os contos de fadas que revivem a esperança, as fábulas que fazem refletir sobre as atitudes humanas, mostrando a diferença entre ser bom e ser mal, ser honesto e desonesto, dentre outros predicados da humanidade.

Para ABRAMOVICH (2006, p.17):

È ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade e tantas outras mais, e viver profundamente tudo que as narrativas provocam em que as houve, com toda a sua amplitude, significância e verdade que cada uma delas faz (ou não) brotar, pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos imaginários.

È muito importante para a formação de qualquer criança, ouvir histórias, pois possibilita suscitar o imaginário infantil, responder perguntas e criar novas ideias, estimular o intelecto, descobrir o mundo, sentir emoções, desenvolvendo assim todo o potencial da criança, levando a pensar, questionar e duvidar.

A escola pode, até mesmo, ser apontada como responsável pela perda da naturalidade linguística da criança, quando ensina uma linguagem, no nosso

caso, a língua portuguesa, apenas considerando como base para tudo a escrita ortográfica.

Segundo CARVALHO (2010, p.21)

Quando entram na escola, as crianças já contam com uma enorme capacidade de análise da linguagem oral. Isso porque elas já fazem como exercício constante, desde quando começam a falar num esforço contínuo dos elementos da fala para comunicar-se. A sensação que se tem é que essas crianças perdem tal capacidade, à medida que vão aprendendo a escrever.

1.1 A CRIANÇA E A LEITURA

A Leitura é um processo que vem se formando e incorporando ao cidadão, independentemente de sua idade. E este processo acontece de maneira natural ou quando conduzido por alguém, pela família, por exemplo, antes da escola, constituindo-se em conhecimentos introdutórios que se acumulam por meio das observações curiosas no convívio social.

Para KRAMER (2010, p.34). “A importância da convivência das crianças com a literatura desde o berçário, ou seja, a premissa de que a oralidade pode anunciar o prazer da leitura e, portanto, o papel do contador de histórias é dos mais fundamentais na alfabetização”.

Todo o processo de mudanças para gerar melhorias na qualidade da educação infantil precisa ser construído passo a passo. Mas tudo se inicia com a conscientização por parte dos envolvidos dessa necessidade de mudanças e da importância de seu trabalho na vida da criança.

Segundo COSTA (2007, p.44). “Na idade pré-escolar e nos primeiros anos da escola, contar e ler história em voz alta e falar sobre livros e gravuras é importantíssimo para o desenvolvimento do vocabulário e, mais importante ainda, para a motivação da leitura”.

Se o aluno não compreende toda essa dimensão, o professor deve estimular o pensamento do leitor infantil, para dar a solução, para que a criança aprenda a perguntar, a buscar respostas, e possa olhar os textos sempre com olhar questionador. Essa atitude favorecerá avançar na aprendizagem e no conhecimento dos textos sempre com olhar questionador. Essa atitude favorecerá avançar na aprendizagem e no conhecimento dos textos que se encontram a disposição dos leitores em todos os ambientes da cultura e da vida social.

Portanto, é importante sentir que nem sempre o tempo da compreensão do texto é o mesmo para as diferentes crianças, ainda que esteja em um mesmo ciclo ou série.

Como menciona CARVALHO (2010, p.14), “As atividades para aguçar estímulos ao imaginário no fortalecimento dos sentidos podem como, por exemplo, aplicar, repertório folclórico, populares provérbios, lendas e par

lendas, poesia, contos fabulosos, invenção de músicas, teatrinhos de fantoche, recriação de teatros com reinvenção de historinhas”.

Como professor na educação infantil, é um dever na escola em sala de aula e nas disciplinas usar de incentivo a leitura, devendo se preocupar com o fato de que o leitor não pode, nem deve ser moldado, formatado. O leitor pode sim, deve ser encaminhado, iniciando, direcionando, dando asas ao leitor e deixando voar por seus próprios campos, e descobrindo, podendo ser autônomo, independente, numa formação de um leitor verdadeiro.

1.2- A CRIANÇA NO CONTATO COM O LIVRO-OBJETO

Dar o livro à criança como brinquedo é cultivar nela uma relação prazerosa, agradável e afetiva com o que ela transporta de valioso, em emoções e fantasias, para o seu interior humano.

O contato da criança com o livro-objeto deve ser estimulado e anteceder à idade escolar. A criança deve descobrir o gosto pela leitura antes mesmo de aprender a ler

Para CARVALHO (2010, p.15)

Ler, ver, ouvir, tocar o livro com todos os sentidos, entrar nele para vislumbrar encantos e novidades, fazer surpresas, imaginar irrealidade e viver, emoções reais. Esse caminho é aberto ao novo, às camadas profundas

irracionais, que apreendem, fazem inferências e intuições e guardam imagens, sensações e sentimentos.

As relações das crianças menores com o livro não se estabelecem em nível de entendimento racional, portanto, usufruir se dá por vias afetivas e sensoriais.

Para COSTA (2007, p.23) “A literatura infantil, considerada enquanto diálogo entre dois seres igualmente ativos, o autor e o leitor, estabelece no primeiro momento um contato geralmente silencioso e em solidão”.

Isso provoca o crescimento, torna o leitor mais informado, mais atualizado, mais humanizado e sensível, além de mais culto e evoluído, todo professor deve ser um pouco deste leitor.

Segundo FARIA (2009. p.29).

Ao pequeno leitor, por meio de sua imaginação, cabe construir mentalmente essa trajetória das duas personagens, fazendo a ligação entre uma cena e outra, por meio das indicações do texto escrito e da ilustração, imaginando o que elas conversam.

Podemos sim promover o contato das crianças com o mundo letrado. Afinal, o fato de não saberem ler e escrever não quer dizer que não interajam e não pergunte sobre esse mundo.

Conforme OSTETTO (2008, p.99)

(...) a criança que ainda não se alfabetizou, mas já folheia livros, finge lê-los, brinca de escrever, ouve histórias que lhe são lidas, está rodeada de material escrito e percebe seu uso e função, essa criança (...) não aprendeu a ler escrever, mas já penetrou no mundo do letramento, já é de certa forma, letrada.

Desse modo, não podemos negar à criança o seu desejo de interagir de forma mais afetiva e significativa com os objetos do mundo letrado, do qual ela faz parte desde o nascimento.

1.3- A IMPORTÂNCIA DE ALFABETIZAR

O alfabetizador devendo exercer um papel de incentivador da criança. Assim, ele deve reconhecer que o processo de alfabetização tem uma amplitude enorme. Significa entender que o leitor deve ser orientado para novas relações com o mundo das letras, sendo aquelas criativas, inusitadas, inventadas.

Segundo VIGOTSKI (2009, p.72)

Educação, entendida correta e cientificamente, não significa de maneira artificial, de fora, ideias, sentimentos e ânimos totalmente estranhos às crianças. A educação correta consiste em despertar na criança aquilo que existe nela, ajudar o para que isso se desenvolva e orientar esse desenvolvimento para algum lado.

É por isso que o alfabetizador devendo considerar a alfabetização como um processo definidor na vida do ser humano. Daí o papel Vital que a leitura oferece na educação, leitura de textos de diferentes gêneros, em variados suportes, com letras e imagens em tamanhos apropriados, em função de faixa etária do leitor, aplicando atividades em seus contos históricos, como histórias tradicionais, a poética infantil, o material folclórico apresentado em livros com trava-línguas, par lendas, adivinhações, trovas, jogos de palavras e aproveitamento lúdico de ideias e sons, deixar na sala, livros em lugares acessíveis às crianças, fazer fantoches com as crianças e finalizar com um teatrinho em que elas mesmas façam as vozes dos bonecos atores.

Para FARIA (2009, p.22)

O aprendizado da leitura não dispensa, desde o início da alfabetização, os livros para as crianças. O trabalho da automatização da decodificação deve ser concomitante com o da leitura de textos variados. Daí, na iniciação literária desde a pré-escola, a importância dos livros de imagem, com ou sem textos escritos, no trabalho com as narrativas. Eles podem ser uma grande alavanca na aquisição da leitura, para além da simples decodificação.

Cabe, pois à escola ampliar essas competências que a criança possui antes da alfabetização, introduzindo-a no domínio de alguns aspectos literários que já estão presentes em narrativas de livros infantis e dos quais o mais natural é a vivência de uma história.

Conforme OSTETTO (2008, p.98)

È preciso lembrar que a escrita, antes de estar no espaço educacional, seja na escola ou na educação infantil, está no mundo, e as crianças estão desde cedo em contato com ela, uma vez que interagem com livros, revistas, comerciais, produtos, brinquedos... Então por que lhes recusar a oportunidade de ler e escrever o mundo em que vivem? Ou, ainda por que determinarem que momento isso pode acontecer?

Mesmo as crianças que não sabem ler devem ter contato com a palavra escrita. Dessa maneira aprendem que cada página do livro revela uma parte da história que se relaciona com as imagens. Depois, pode até conseguir recontá-la de memória. Quanto mais os pais e professores forem parceiros e transformarem a leitura em algo lúdico, maiores serão as chances de que os pequenos a encarem de forma prazerosa e a incorporem à rotina.

Nesse sentido, a educação infantil poderá garantir espaços para que a criança compreenda o que é ler, principalmente, que confie na sua capacidade de aprender ler e a escrever, agora ou mais tarde.

È preciso então ensinar a linguagem, no sentido de conhecer os usos e funções da escrita.

1.4- HISTÓRIAS PARA CADA FAIXA ETÁRIA

Por meio do imaginário infantil, a criança desenvolve-se e estabelece relações entre o pensamento e a realidade onde vive.

Segundo COELHO (2000, p.19), a leitura tem sua essência na arte. “(...) fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos em vida prática, o imaginário no real, os ideais e suas possibilidades de realização”.

No que se refere aos tipos de histórias, a diversão acabará por encantar os alunos e libertá-los para novas aprendizagens e também para o hábito e o gosto de ler histórias.

Nesse sentido, explorar as histórias, de forma crítica, é fundamental para a formação do sujeito, sendo aproveitadas e inseridas no contexto escolar, usufruindo de todas as possibilidades que as histórias proporcionam.

Para LAJOLO (2005, p.105)

Para A leitura infantil constitui modalidade privilegiada de leitura, em que a liberdade e o prazer são limitados. (...) é a leitura que, como linguagem e como instituição, expressa e discute simbolicamente, seus impasses, seus desejos e utopias.

A leitura envolve também o significado, ou seja, aquilo que o leitor escreve pode ser compreendido e interpretado de diferentes modos pelo sujeito que lê, isto é, pelo leitor ou pelo ouvinte, dependendo é claro, das

experiências de vida e de todo o conhecimento prévio dos sujeitos envolvidos neste ato da leitura, contador e ouvinte.

Por meio de exemplos contidos nas histórias as crianças adquirem maiores vivências, exploram suas emoções e criam no seu imaginário situações vividas na sua realidade.

Segundo DOHME (2010), “As histórias transmitem valores educacionais trabalhando aspectos internos nas crianças como: caráter, raciocínio, imaginação, criatividade, senso crítico e disciplina”.

Para DOHME (2010, p.25)

Temos de pesquisar, ler literatura especializada, feita para eles, conhecer seus heróis, assistir aos filmes, conhecer suas brincadeiras preferidas. É só desta forma que saberemos escolher, dentro de um repertório conhecido, qual história se adapta ao comportamento que desejamos ou precisamos abordar.

A autora citada acima traz algumas orientações na escolha de história para cada faixa etária;

De zero a dois anos a criança prende-se ao movimento, ao tom de voz e não ao conteúdo que é contado. Ela presta atenção ao movimento dos fantoches e a objetos que conversam com ela. As histórias devem ser rápidas e curtas.

Histórias de bichinhos e brinquedos falantes, livros de pano com imagens grande, pois nessa fase, a criança precisa pegar a história, segurar fantoches e agarrar os livrinhos.

De três a seis anos, as histórias devem ser fantasiosas, histórias com fatos inesperado e repetitivos, cujo personagens são animais e crianças. Esta fase é conhecida “do conte outra vez” devido ao fascínio, ela pede para ouvir varias vezes.

Os contos de fadas nesta faixa etária são muito apreciados, pois permitem fantasiar, desencadear conflitos e sentimentos.

Segundo BETTELHEIM (2006, p.12)

No conjunto da literatura infantil, nada é tão enriquecedor e satisfatório para as crianças, quanto os contos de fadas, pois por meio deles pode se aprender mais sobre os problemas interiores dos seres humanos, e sobre as soluções corretas para seus predicamentos em qualquer sociedade, do que com qualquer outro tipo de história dentro de uma concepção infantil.

Nos dias atuais onde tudo é digital e pratico, é preciso muito esforço e dedicação, para manter a magia de uma boa história, no mundo imaginário infantil.

1.5- TÉCNICA E RECURSOS DE CONTAR HISTÓRIAS

O grande segredo para ser um bom contador de história é ler muito, e não ter pressa para contar a história.

Cabe ao professor aprimorar seu conhecimento e habilidades para contar histórias às crianças. É um momento mágico e de uma riqueza de detalhes incontáveis. Segue algumas questões para que a “hora do conto” seja um momento mágico às crianças.

- A EXPRESSÃO CORPORAL

O contador de história deve estar atento, os gestos devem ser estudados e elaborados durante a preparação da história, pois podem ajudar decodificação significativa contada na palavra e dar uma direção ao imaginário da criança.

Na contação de história, o corpo e as mãos são ingredientes importantes, ajudam a expressar as ideias.

Porém não se devem exagerar nos gestos, eles devem ser simples e expressivos.

- A Voz

O narrador deve expressar-se numa voz definida, compreensível e modificá-la de acordo com os aspectos da história que está contando. O principal instrumento do contador de história é a voz. Narrar à história de forma descontraída, é uma maneira de prender a atenção da criança, com narrativas curtas e atraentes, usando a entonação da voz, falar baixinho quando o personagem é calmo, aumentar o tom de voz quando é exaltado.

- O OLHAR

São tão importante quantos a fala. Apesar do olhar pode-se expressar: bondade, sinceridade, orgulho, entusiasmo, meiguice...

Segundo GARCIA (2003, p.44). “Antigamente, nos tempos de nossos pais e avós, a comunicação era feita muito mais pelo olhar do que pelas palavras. Bastava um olhar mais forte e já se sabia o que eles queriam dizer. Hoje, falta esse ingrediente na comunicação”.

Para as crianças da educação infantil é importante que as histórias tenham linguagem simples, clara e de acordo com os interesses e maturidade. Devem ter uma narrativa interessante e agradável que despertem a curiosidade e a imaginação.

Para ABRAMOVICH (1989, p.21 e 22)

Ah, é bom saber começar o momento da contação, talvez do melhor jeito que as histórias sempre começaram, através da senha mágica “Era uma vez...”. Ou qualquer outra forma que o agrade ao contador e aos ouvintes... Ah, e segurar o escutador desde o início, pois se ele se desinteressa de cara, não vai ser na metade ou quase no finalzinho que vai mergulhar... Ah, não precisa ter pressa em acabar, ao contrário, ir curtindo o ritmo e tempo que cada narrativa pede e até exige... “É bom saber dizer que a história acabou de jeito especial: Entrou por uma porta, saiu pela outra, quem quiser que conte outra...” Ou com outro refrão que faça parte do jogo cúmplice entre a criança e o narrador...

Também é importante antes de contar uma história saber se o assunto é interessante, se consegue agradar as crianças e demonstra riqueza de imaginação. É preciso que desperte o entusiasmo, motive a atenção e transmita confiança.

O professor deve ler e estudar a história antes de contá-la e segurar o livro com cuidado, à altura dos olhos das crianças.

Além dos livros o professor poderá usar diversos outros recursos para contar histórias, como fantoches, dedoches, fanelógrafos, aventais, teatro de sombras, mascaras, gravura...

Os instrumentos musicais também pode ser usados para dar mais vida e enriquecer à hora do conto.

Conforme GARCIA et. AL. (2003), “Não é necessário saber tocar nenhum instrumento”. Uma pequena batida num pandeiro pode criar no ouvinte a imagem de uma explosão. Uma mexida no chocalho pode representar uma cobrinha se aproximando. O processo de estímulo e incentivo para se contar uma história são inúmeros, mas sua eficácia depende de como o contador os utilizará.

1.6- A IMPORTÂNCIA DE SE OUVIR HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Quando ouvimos a expressão “contação de histórias”, temos a lembrança da mãe, pai ou avó que nos contava histórias, para pegarmos no sono. Mas infelizmente na sociedade moderna em que vivemos cheio das tecnologias, contar história está se tornando uma prática pouco comum ou quase inexistente. Pois com tanta tecnologia as crianças estão deixando de lado os livros de contos infantis.

Para Abramovich (2006, p 16) “É importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas histórias. E escutá-las é o início da aprendizagem, para ser um leitor e ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e compreensão do mundo”.

È na utilização na linguagem de contar, que ampliamos as concepções sobre as coisas, enriquecendo as identidades, e experimentando outra forma de ser e pensar. Os autores ainda mencionam que, desde muito cedo, a criança gosta de ouvir história, e que pra ela cada figura representa um fato.

A cada história nova contada a criança, é uma nova experiência. Então é importante dar-lhes oportunidade de demonstrar quais são as histórias preferidas.

Histórias bem trabalhadas na pratica educativa, fazem com que, se transforme em conhecimento. Pois é ouvindo histórias que, mais cedo ou mais tarde a criança vai perceber que aquele conhecimento ouvido, vai interferir na hora de fazer suas escolhas.

Para Augusto Cury (2003, p.134) “Contar histórias fisga o pensamento, estimula análise. Os jovens poderão esquecer suas críticas e regras, mas não esquecerão as suas histórias”.

METODOLOGIA:

Este estudo tem com base numa pesquisa bibliográfica científica, visando alcançar os objetivos proposto. Será feita uma revisão bibliográfica descrevendo as teorias científicas, literárias entre outros autores que abordam práticas pedagógicas, para apresentar aspectos teóricos da metodologia de construção do conhecimento na contação de história na educação infantil.

Para PEDRO DEMO (2012. p.23) “A pesquisa teórica dedica-se a reconstruir teorias, conceitos, ideias, ideologias, polêmicas; tendo em vista os termos imediatos para o aprimoramento de fundamentos teóricos e os termos imediatos para o aprimoramento da prática”.

Assim a pesquisa visa como resultado uma análise reflexiva através de vários autores, como Costa, Vigotski, e muitos outros.

De acordo com Franco (2005, p. 485-486):

A pesquisa-ação tem sido utilizada, nas últimas décadas, de diferentes maneiras, a partir de diversas intencionalidades, passando a compor um vasto mosaico de abordagens teórico-metodológicas, o que nos instiga a refletir sobre

sua essencialidade epistemológica, bem como sobre suas possibilidades como práxis investigativa.

È importante esclarecer que nenhum tipo de pesquisa é suficiente, inclusive na prática, juntando algo diferente para formar um todo, apenas dando realce a outro tipo. Nesse sentido, o conhecimento científico não produz certezas, mas fragilidades mais controladas.

Por meio da metodologia científica educa-se ou promove-se o desenvolvimento do espírito crítico e observador do aluno, além da disciplina nos estudos, para que ele possam ver a realidade com toda sua carência, analisando-a refletindo sobre à luz de concepções filosóficas e teórica.

De posse das informações obtidas no decorrer da pesquisa: sejam elas do ponto de vista teórico como também prático, se fez as considerações finais, buscando responder os objetivos definidos e, a partir daí, construir um novo conceito acerca da contação de história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A contação de história ajuda no desenvolvimento e na personalidade da criança. È ai que entra a função da escola vê-se que é um elemento de transformação da sociedade, a sua função é contribuir, junto com as outras instancias da vida social, para que essas transformações de efetivem. Na

educação esse processo historicamente construído possui um papel nesse processo, para que estimule o educando; deve-se buscar sua identidade e atuar de forma crítica e reflexiva na sociedade.

O contato com o livro-objeto deve ser estimulado e anteceder a idade escolar. A criança deve aprender o gosto pela leitura antes mesmo de aprender a ler. Desse modo mesmo as crianças não sabendo ler, devem ter contato com a palavra escrita.

As histórias provocam a imaginação da criança, enriquecem as experiências a capacidade de dar sequência lógica aos fatos, gosto literário, o estímulo e interesse pela leitura. Dessa maneira aprendem que cada página do livro revela uma parte da história que relacionam com a imagem. Afinal o fato de não saberem ler e escrever não quer dizer que não interajam, pois é a partir daí que começam a conhecer as letras e formar palavras.

No processo de construção do conhecimento, as crianças se utilizam as mais diferentes linguagens e exercem a capacidade que possuem de terem ideias sobre aquilo que buscam desvendar. Nessa perspectiva as crianças constroem o conhecimento a partir das interações que estabelecem com as outras e com o meio em que vivem.

As possibilidades da prática de contação de história são inúmeras, podendo ser a partir delas, inserir vários saberes sobre diferentes áreas. Desse modo o professor na educação infantil deve-se colocar como um ser atuante inovador e criativo.

Na relação pedagógica, não basta estar presente para ser um bom companheiro, Deverá ter um domínio dos conhecimentos básicos, tanto quanto conhecimentos necessários para o trabalho com a criança pequena. Toda relação estabelecida com a criança, em qualquer idade, mediada pelo mundo dos objetos, das pessoas, com seu cotidiano e rituais educativos.

Uma alternativa é apresentar o mundo lúdico da literatura infantil através da contação de história. Para Coelho (COELHO, 2009, p. 12), a história aquieta, prende a atenção, informa, socializa, educa.

[...] a história é importante alimento da imaginação. Permite a auto identificação, favorecendo a aceitação de situações desagradáveis, ajuda a resolver conflitos, acenando com a esperança. Agrada a todos, de modo geral, sem distinção de idade, de classe social, de circunstância de vida. Descobrir isso e praticá-lo é uma forma de incorporar a arte à vida [...]

Estabelecendo a relação entre os dados, observei por este contexto, é que cada vez mais as escolas e os pais devem adotar a literatura infantil para a educação das crianças, pois somente assim formarão adultos competentes e responsáveis na formação de um mundo melhor.

Acredito que esse trabalho não se finda por aqui, pois na medida em que as reflexões vão surgindo, vão abrindo novas indagações a respeito da contação de histórias.



MÓDULO III – A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL E ENSINO FUNDAMENTAL³

Autoras: Linete Oliveira de Souza (Uninove-SP)/Andreza Dalla Bernardino (Uninove-SP)

INTRODUÇÃO

Durante muito tempo o ato de contar histórias nas escolas era tido como uma forma de entreter, distrair e relaxar as crianças, e ainda em algumas instituições continua a ser assim. Mas neste século XXI tem ressurgido a figura do Contador de Histórias, ou o Professor/Contador de Historias, e a sua importância no âmbito educacional e emocional das crianças, com presença certa em bibliotecas, feiras de livros, livrarias e escolas. Esse antigo costume popular pertencente à tradição oral, vem sendo resgatado pela educação como estratégia para o desenvolvimento da linguagem oral e escrita – a formação do leitor passa pela atividade inicial do escutar e do recontar.

³ Módulo III – A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL E ENSINO FUNDAMENTAL - Reprodução total - Autoras: Linete Oliveira de Souza (Uninove-SP)/Andreza Dalla Bernardino (Uninove-SP) - Disponível em: <http://saber.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/viewFile/4643/4891>

Dessa forma, propostas de formação e cursos de capacitação de educadores veem incluindo em sua metodologia a preparação para o ato de contar histórias.

Ainda assim esta não é uma prática comum no Ensino Fundamental das séries iniciais. As instituições educacionais recusam um trabalho diferenciado com a leitura, porque a contação de histórias se distancia dos métodos das avaliações. Não se pode medir notas ou conceitos quando contamos ou ouvimos um conto e a escola tem dificuldades em trabalhar com aquilo que não pode ser avaliado. Tal dificuldade é vista até mesmo com a literatura infantil, que perde a sua beleza quando o texto se transforma em uma ferramenta avaliativa, fazendo com que o prazer da leitura se perca com a avaliação. O fracasso escolar no ensino fundamental se refere ao desenvolvimento pelo gosto da leitura e formação de leitores, que recai sobre a forma como o professor está trabalhando a relação do livro com o aluno. A literatura não está recebendo um estímulo adequado e a contação de histórias é uma alternativa para que os alunos tenham uma experiência positiva com a leitura, e não uma tarefa rotineira escolar que transforma a leitura e a literatura em simples instrumentos para as provas, afastando o aluno do prazer de ler. “Porque para formar grandes leitores, leitores críticos, não basta ensinar a ler. É preciso ensinar a gostar de ler. [...] com prazer, isto é possível, e mais fácil do que parece” (VILLARDI, 1997, p. 2).

De acordo com vários estudiosos a contação de histórias é um valioso auxiliar na prática pedagógica de professores da educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental. As narrativas estimulam a criatividade e a imaginação, a oralidade, facilitam o aprendizado, desenvolvem as linguagens oral, escrita e visual, incentivam o prazer pela leitura, promovem o movimento global e fino, trabalham o senso crítico, as brincadeiras de faz-de-conta, valores e conceitos, colaboram na formação da personalidade da criança, propiciam o envolvimento social e afetivo e exploram a cultura e a diversidade.

A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS

Na antiguidade a contação oral de histórias era vista sob um olhar inferior à escrita, apesar disso os povos se reuniam ao redor da fogueira e contavam suas lendas e contos, disseminando a sua cultura e os seus costumes; reunir-se para ouvir histórias era uma atividade dos simplórios, isto explica por que durante tanto tempo esta prática foi rejeitada pela sociedade. Essas lendas e contos eram histórias do imaginário popular pertencentes à memória coletiva, destinadas, a ouvintes, adultos e crianças, que não sabiam ler.

Segundo Malba Tahan (1966, p.24) “até os nossos dias, todos os povos civilizados ou não, tem usado a história como veículo de verdades eternas, como meio de conservação de suas tradições, ou da difusão de ideias novas.”.

O homem descobriu que a história além de entreter, causava a admiração e conquistava a aprovação dos ouvintes. O contador de histórias tornou-se o centro da atenção popular pelo prazer que suas narrativas proporcionavam.

Sendo assim, por muito tempo o contar histórias foi uma atividade oral: as histórias, reais ou inventadas, eram contadas de viva voz. Na idade média o contador era respeitado em todos os lugares por aonde ia. Os trovadores obtinham entrada em palácios e aldeias contando histórias do gosto popular. Com o aparecimento da escrita, surgem, ao lado das histórias orais, as histórias escritas – e, com essa, surgiram tanto a história, propriamente dita, como relatos de eventos que se acredita terem de fato acontecidos, como a literatura, ou seja, relatos de eventos imaginados (ficção). A literatura infantil nasce dos contos populares por isso a contação de histórias é a origem da literatura.

A contação de histórias foi utilizada como meio de propagação das doutrinas religiosas budistas e ainda hoje a medicina hindu tem como método oferecer uma história aos doentes desorientados, essa escolha considera a problemática psíquica do paciente. No Oriente Médio encontramos o narrador profissional de contos de fadas e grandes coleções de contos de fadas indianos e turcos fazem parte da educação dos jovens príncipes. O século passado, porém, foi marcado pelo audiovisual. Aparecem o cinema, a televisão, o computador e quase no fim do século a multimídia. Assim, o contar histórias, no século XX, passou a ser não mais baseado exclusivamente na palavra, oral ou escrita (embora esta continue extremamente importante em nossa

contemporaneidade, o ato de contar é o ato de criar através das palavras), as imagens passaram a ser ingredientes indispensáveis das histórias. Agora nós não somente ouvimos e lemos histórias, mas assistimos à sua representação audiovisual.

A criança e o adulto, o rico e o pobre, o sábio e o ignorante, todos, enfim, ouvem com prazer as histórias – uma vez que essas histórias sejam interessantes, tenham vida e possam cativar a atenção”. A história narrada, lida, filmada ou dramatizada, circula em todos os meridianos, vive em todos os climas, não existe povo algum que não se orgulhe de suas histórias, de suas lendas e seus contos característicos (TAHAN, 1966, p.16).

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO ESTRATÉGIA EDUCACIONAL

A contação de histórias é uma estratégia pedagógica que pode favorecer de maneira significativa a prática docente na educação infantil e ensino fundamental. A escuta de histórias estimula a imaginação, educa, instrui, desenvolve habilidades cognitivas, dinamiza o processo de leitura e escrita, além de ser uma atividade interativa que potencializa a linguagem infantil. A ludicidade com jogos, danças, brincadeiras e contação de histórias no processo de ensino e aprendizagem desenvolvem a responsabilidade e a auto expressão,

assim a criança sente-se estimulada e, sem perceber desenvolve e constrói seu conhecimento sobre o mundo. Em meio ao prazer, à maravilha e ao divertimento que as narrativas criam, vários tipos de aprendizagem acontecem.

A escuta de histórias, pela criança, favorece a narração e processos de alfabetização e letramento: habilidades metacognitivas, consciência metalinguística e desenvolvimento de comportamentos alfabetizados e meta-alfabetizados, competências referentes ao saber explicar, descrever, atribuir nomes e utilizar verbos cognitivos (penso, acho, imagino, etc.), habilidades de reconhecimento de letras, relação entre fonema e grafema, construção textual, conhecimentos sintáticos, semânticos e ampliação do léxico. “A leitura de histórias é uma rica fonte de aprendizagem de novos vocabulários” (RCNEI, VOL. 3, p.145).

Dentro das histórias encontramos a gramática do conto: as personagens (protagonista e antagonista), apresentação inicial do conto, sucessão de eventos/ações complexas e o final; esta regularidade facilita a compreensão textual e a criação de histórias pela própria criança, assim contribuindo para as habilidades linguísticas em nível oral e escrito. O conhecimento adquirido pelas crianças em idade “pré-escolar” das competências da língua e narrativas são fundamentais nas fases de alfabetização e letramento.

A iniciação literária desde a infância com livros de imagens com ou sem textos e o trabalho com contos podem ser uma grande alavanca na aquisição da

leitura para além da simples decodificação do código linguístico. Conforme afirma Bamberger (1995) “a leitura é um dos meios mais eficazes de desenvolvimento sistemático da linguagem e da personalidade. Trabalhar com a linguagem é trabalhar com o homem”.

A criança que ainda não sabe ler convencionalmente pode fazê-lo por meio da escuta da leitura do professor, ainda que não possa decifrar todas e cada uma das palavras. Ouvir um texto já é uma forma de leitura (RCNEI, VOL. 3, p.141).

A didática do conto de histórias é motivante e enriquecedora nas series iniciais, mas com o cuidado de que a estrutura da narração deve ser previsível para a criança, de fácil linguagem, com imagens e possibilidade de explorá-las posteriormente de forma lúdica, às narrativas possibilitarão as crianças um melhor desenvolvimento da capacidade de produção e compreensão textual.

O docente precisa incluir em seu planejamento curricular períodos dedicados à leitura, formando crianças que gostem de ler e escrever, uma geração de leitores e escritores que veem na literatura infantil um meio de interação e diversão. Segundo Abramovich (1991) o ato de escutar contos é o início para a aprendizagem de se tornar um leitor.

Oferecer estas oportunidades didático-educativas significa capacitar às crianças para que possam desenvolver todas as suas potencialidades dentro da língua materna.

... o ato de ler é incompleto sem o ato de escrever. Um não pode existir sem o outro. Ler e escrever não apenas palavras, mas ler e escrever a vida, a história. Numa sociedade de privilegiados, a leitura e a escrita são um privilégio. Ensinar o trabalhador apenas a escrever o seu nome ou assiná-lo na Carteira Profissional, ensiná-lo a ler alguns letreiros na fábrica como ‘perigo’, ‘atenção’, ‘cuida- do’, para que ele não provoque algum acidente e ponha em risco o capital do patrão, não é suficiente (GADOTTI, 1988, p. 17).

Além disso, a literatura oral na sala de aula pode ser trabalhada de várias formas como na interdisciplinaridade.

é através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e ser, outra ética, outra ótica. É ficar sabendo historia, geografia, filosofia, sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula (ABRAMOVICH, 1995, p.17).

Aprender sobre povos e suas culturas, sobre História e Geografia, são possíveis na medida em que essas histórias acontecem em tempo e espaço diversificados, tornando-se um instrumental criativo de exploração a ser usado pelo educador. Inclusive, segundo Busatto (2003), esse caminho didático permitirá ao aluno valorizar a identidade cultural e a respeitar a multiplicidade de culturas e a diversidade inerente a elas.

Ou ainda citando Malba Tahan (1966) “as narrativas de casos e contos podem ser aproveitadas em todas as atividades. Através dessas narrativas podem ser ministradas aulas de Linguagem, Matemática, Educação Física, com

o máximo de interesse e maior eficiência”. (p.142). “É o exemplo do escritor Monteiro Lobato, que mostrou que até a aritmética, com seus cálculos e suas frações, pode ser aprendida sob a forma de história...” (TAHAN, 1966, p.26).

Podemos verificar que essas assimilações possíveis, permeadas de encanto e ludicidade, tornam o ato de aprender mais interativo, instigante e estimulante porque falam ao interior de cada criança, propiciando um fazer educativo pleno de significação e envolvimento.

Outra fonte de aprendizagem pode ser apontada nos contos. Nos enredos de suas histórias, aparecem situações ligadas a valores universais como a liberdade, a verdade, a justiça, a amizade, a solidariedade, etc. Levando a criança a refletir sobre o convívio em sociedade.

Além disso, ao também expressarem à inveja, a traição, a covardia, a desigualdade, entre outros, permitem a escola a análise crítica de componentes éticos, abrindo espaço para a discussão de valores morais. Para Abílio e Mattos (2003) o educador deve estar ciente de que todo conto reflete a ideologia da época em que foi produzido, e, a partir dessa perspectiva, deve ser compreendido e discutido com os alunos. A partir daí, o desenvolvimento do espírito crítico no aluno também pode ser provocado pelo educador ao propor questionamentos sobre as escolhas adotadas pelos personagens.

Atualmente as frentes tecnológicas, os estímulos socioculturais, visuais, auditivos, sensório motores e táteis fez com que as crianças ampliassem a sua visão de mundo e a sua capacidade neuronal, a sua inteligência. As crianças do

nosso século XXI, seja estas moradoras da favela de grandes cidades ou dos condomínios fechados da classe media alta, se encontram envolvidas num imaginário construído pelas tecnologias, produções culturais que chegam a elas mediados pelo computador, Internet, CD-ROM, DVD-ROM. São sugeridas as crianças histórias com enredos variados. Narrativas completas com sons e imagens, que se tornaram um desafio para a escola, uma vez que representam um grande atrativo e influenciam o comportamento das crianças. Logo, a história para a criança da educação infantil e fundamental de hoje deve ser contada de forma interativa, dinâmica como o mundo em que ela vive.

Na história computadorizada não encontraremos mais a voz primordial do contador, vamos encontrar a voz do narrador que auxiliado por sofisticados recursos tecnológicos mantém a história acesa. O narrador lança imagens no ar e os ouvintes as transformam na sua historia, ancorados no seu imaginário e pela sua própria história de vivências para construir personagens, situações e ações. A recepção da história é uma ação individual, e aquelas mais procuradas pelas crianças ainda são as que possuem um narrador humano, conclui-se que a figura do contador de histórias continua sendo a ponte entre o ouvinte e o conto, esteja este ao vivo ou na tela do computador.

A relação da escuta da leitura pela criança é afetiva. Este sentimento se manifesta pela identificação com a história, com os temas tratados e com os personagens; esta identificação consiste em afirmar a sua personalidade graças ao livro, formulando parâmetros de julgamentos éticos com relação aos

personagens e de experiências e questionamentos pessoais. Sendo assim a escuta de histórias tem um caráter formador ou ético.

Na interação com as histórias a criança desperta emoções como se a vivenciasse, estes sentimentos permitem que esta pela imaginação exercite a capacidade de resolução de problemas que enfrenta no seu dia a dia, além disso, esta interação estimula o desenho, a música, o pensar, o teatro, o brincar, o manuseio de livros, o escrever e a vontade de ouvir novamente.

A repetição da história contada é sempre positiva, a criança sempre observa algo novo após a contação.

Quem convive com crianças sabe o quanto elas gostam de escutar a mesma história várias vezes, pelo prazer de reconhecê-la, de apreendê-la em seus detalhes, de cobrar a mesma sequência e de antecipar as emoções que teve da primeira vez. Isso evidencia que a criança que escuta muitas histórias pode construir um saber sobre a linguagem escrita (RCNEI, VOL. 3, p.143).

O epistemólogo suíço Jean Piaget (1896-1980), já dizia que quando a criança entra em contato com experiências novas ouvindo ou vendo coisas que para ela são novidades, acaba inserindo esses conteúdos nas estruturas cognitivas que possuía anteriormente, construindo significados e assim aumentando o seu conhecimento, somando o novo ao que já vivenciou, ao considerarmos o condicionamento mental infantil, o ideal é que a criança repita a história que acabou de ouvir, que ela tenha a oportunidade de dar outro final, altere,

modifique a história que foi contada, quando a criança narra um conto estabelece uma relação entre fantasia e realidade.

Recontar histórias é outra atividade que pode ser desenvolvida pelas crianças. Elas podem contar histórias conhecidas com a ajuda do professor, reconstruindo o texto original à sua maneira. Para isso podem apoiar-se nas ilustrações e na versão lida. Nessas condições, cabe ao professor promover situações para que as crianças compreendam as relações entre o que se fala o texto escrito e a imagem. O professor lê a história, as crianças escutam, observam as gravuras e, frequentemente, depois de algumas leituras, já conseguem recontar a história, utilizando algumas expressões e palavras ouvidas na voz do professor. Nesse sentido, é importante ler as histórias tal qual está escrita, imprimindo ritmo à narrativa e dando à criança a ideia de que ler significa atribuir significado ao texto e compreendê-lo (RCNEI, VOL. 3, p.144).

Ler, ouvir/contar histórias desperta o pensamento narrativo. Uma forma de pensar coexistente com o pensamento lógico científica, vinculado à subjetividade e ao emotivo, surge em situações onde o sujeito busca compreender através de simbolismos a realidade. Sendo assim, o conto de histórias favorece o psíquico e emocional da criança, que enquanto cresce busca sua identidade baseada nos modelos que convive. A escola tem uma grande responsabilidade nesse processo, o sistema educativo deve ajudar quem cresce

em determinada cultura a se identificar, a partir das narrativas é possível construir uma identidade e de encontrar-se dentro da própria cultura, a escola deveria promover e divulgar contos orais e escritos que mostrem à realidade pluricultural brasileira resgatando história da tradição afro-indígena, favorecendo deste modo a construção da identidade infantil. Há gerações isto vem sendo negado onde se legitimam apenas os contos de origem europeia.

Para o professor da pedagogia hospitalar a contação de histórias é uma excelente ferramenta. A criança sofre com a hospitalização, se sente afastada do meio social e pouco a vontade para expressar a sua ludicidade, característica inerente a ela. Narrar histórias infantis nos hospitais como um dos instrumentos do tratamento total oferecido à criança internada, propicia melhora psíquica e/ou física. Permitindo devolver a fantasia, contar história é uma atividade prazerosa e sadia que ameniza a condição de enfermidade dando maiores condições para médicos, enfermeiros, psicólogos, recreacionistas, terapeutas, professores e acompanhantes responderem as necessidades lúdicas da criança hospitalizada.

Como o lúdico é um caminho que enriquece os procedimentos criativos fortalecendo a capacidade de interação e criação deve-se, portanto, estabelecer também nesse trabalho a preservação do nosso ambiente, sendo este também um processo de interação homem-natureza. Textos literários na educação ambiental são muito significativos, pois proporcionam às crianças a oportunidade de conversar sobre a preservação da natureza, se estendendo aos

cuidados que se deve ter com os animais domésticos. A atividade de confeccionar livros com papéis reciclados, retalhos e outros materiais reaproveitados exercitam não só a educação ambiental, mas também a criatividade dos alunos, explorando o interesse pelas artes e por atividades estéticas. Segundo Tahan (1966) a contação de histórias facilita a aquisição de novos conhecimentos sobre animais, sobre plantas, sobre a natureza, ciências e artes.

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO PSIQUISMO INFANTIL

Ouvir história é recuperar a herança empírica do homem, seus medos, descobertas e desejos. As crianças sabem muito bem o que é essa herança empírica no turbilhão de sentimentos que vivenciam, é onde entra a figura do professor/ contador de histórias como mediador deste processo de aprendizagem de lidar com as emoções.

Para a criança muitos de seus sentimentos são tão confusos, perturbadores e dolorosos que é difícil administrá-los, trazendo assim infelicidade. Essa energia emocional fica represada e acaba vazando na forma de sintomas físicos, neuróticos ou comportamentais, como crueldade, comportamento agressivo, dificuldade de aprendizado, enurese noturna, falta de concentração, hiperatividade, obsessões, ansiedade, etc.

Apesar das crianças precisarem de ajuda para lidar com seus sentimentos estas não conseguem falar com naturalidade e facilidade sobre seus problemas, isto porque não estão habituadas à linguagem cotidiana, para elas esta não é a linguagem do sentimento, elas se expressam melhor através da metáfora, da imagem como em histórias e sonhos.

A comunicação por meio da narração de histórias fala as crianças mais profundamente do que a linguagem literal, a linguagem do pensamento; dramatizar com bonecos ou fantoches, representando aquilo que se quer dizer através do desenho ou pintura é fazer uso da linguagem imaginativa, essa é naturalmente a linguagem infantil.

Nas histórias, o mal está tão presente quanto o bem, existem inúmeros obstáculos a serem vencidos, aparecendo escolhas de solução que permitem que a vitória aconteça. Todos esses aspectos fazem parte da vida psíquica da criança, formalizando o processo de identificação.

Aquele herói que luta e vence mostra a possibilidade de não desistir diante dos problemas da vida real e ter forças para superar todos os desafios. Os seres que figuram o mal significam o aspecto instintivo do homem e, ao serem subjugados, criam a possibilidade de equilíbrio entre a natureza animal/instintiva e a humana.

De acordo com Bettelheim (ibid.), esses seres são criações do imaginário, fantasmas que a criança carrega dentro dela: medo do abandono dos pais, de ser devorada e da rivalidade com irmãos. As histórias contadas

minimizam essas angústias e trazem paz as crianças porque essas energias malélicas são destruídas e “tudo acaba bem” no final do conto.

Ainda citando Bettelheim, a narração oral é um caminho para o desenvolvimento da maturidade e sedimentação da individualidade, da autovalorização e da projeção de um futuro esperançoso, gerando o abandono das dependências infantis e abrindo espaço para o convívio com a obrigação moral e a convivência social pautada na consideração ao outro.

É isto que a história faz, ela apresenta mecanismos para enfrentar os problemas de uma maneira saudável e criativa, levando a criança ao um mundo maravilhoso onde os processos vivenciados pelos personagens e suas aventuras são repletas de significados, a criança sente isso, ela entra no mundo da história, um mundo de esperança, opções e possibilidades: opções sobre o que fazer diante de um grande obstáculo, possibilidades e soluções criativas para a superação dos problemas e como lidar com as emoções, “a história grava-se, indelevelmente, em nossas mentes e seus ensinamentos passam ao patrimônio moral de nossa vida. Ao depararmos com situações idênticas, somos levados a agir de acordo com a experiência que, conscientemente, já vivemos na história” (TAHAN, 1966, p.22).

As narrativas em sala de aula são ótimas ferramentas para o desenvolvimento da subjetividade das crianças, o conto permite que esta experimente emoções, vivencie-as em sua fantasia, sem que precise passar pelas mesmas situações na realidade, além disso, a história oferece a criança

uma nova forma de pensar sobre os seus sentimentos difíceis, sentimentos dolorosos ou intensos demais (como um luto, o nascimento de um irmão, a adaptação escolar, etc.).

As instituições de educação infantil podem resgatar o repertório de histórias que as crianças ouvem em casa e nos ambientes que frequentam, uma vez que essas histórias se constituem em rica fonte de informação sobre as diversas formas culturais de lidar com as emoções e com as questões éticas, contribuindo na construção da subjetividade e da sensibilidade das crianças (RCNEI, VOL.3, p.143).

Os contos de fadas são as únicas histórias que de maneira simples e simbólica falam das perdas, da fome, da morte, do medo, do abandono, da violência... Eles têm suas bases nas camadas do inconsciente coletivo, em sentimentos comuns a toda a humanidade, por isso encontramos histórias bastante parecidas em diversas culturas pelo globo e em épocas diversas. Os contos de fadas possuem um fundo arquetípico, sentimentos complexos organizados de um modo fácil de entender especialmente pelas crianças, mostram que é natural ter pensamentos destrutivos e maus, que não se é essencialmente construtivo e bom e que é preciso ordenar os sentimentos e as tendências contraditórias.

Sabemos que o texto literário narrativo oferece ao leitor a possibilidade de “experimentar uma vivência simbólica” por meio da imaginação suscitada pelo texto escrito e/ou pelas imagens. A literatura (e, portanto a literatura para

a juventude) é portadora de um sistema de referências que permite a cada leitor organizarem sua função psíquica com o vivido e a sensibilidade que lhe é própria (FARIA, 2010, p.19).

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA TRANSIÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA O ENSINO FUNDAMENTAL

Toda construção do imaginário da criança ocorre em torno criança é submetida pode significar além disso, a afirmação de um status de personalidade quanto ao acesso ao mundo da leitura e escrita. Por isso é um momento carregado de empolgação e euforia, e também, pressão social e medo.

pensar o imaginário como um vasto campo de possibilidades, que proporciona, entre tantas coisas, a compreensão e aceitação de diferentes níveis de percepção da realidade, abrindo-se para um sistema participativo, plural, sensível e passível de outras lógicas (BUSATTO, 2007, p.58).

Diante disto e preciso planejar o processo de transição que ocorrerá a fim de minimizar o stress na criança. Um elevado nível de stress pode deixar marcas a curto e longo prazo, causar distúrbios e interferir no processo de aprendizagem.

A contação de histórias é um instrumento de grande valia nessa de transição, apesar da ausência de estudos avaliativos neste campo, pois ao ouvir

uma história que relate sua trajetória até o momento e que ainda antecipa o futuro que a nova fase escolar lhe reserva, a criança elabora o inevitável rompimento dos vínculos estabelecidos nessa fase e se prepara para uma nova etapa, diminuindo assim o próprio nível de stress, o medo e a insegurança.

O PROFESSOR/CONTADOR DE HISTÓRIAS, AS TÉCNICAS E OS RECURSOS UTILIZADOS NAS CONTAÇÕES

Aspectos devem ser considerados para o sucesso da contação de histórias em sala de aula. Como espaço físico adequado, expressões e gestos utilizados pelo professor/contador, de forma a imitar os personagens; o ambiente deve ser harmonioso e aconchegante, sem distrações externas, com crianças agrupadas, a preparação de um baú ou prateleiras com livros infantis, um tapete de feltro colorido com recortes dos personagens das histórias, um avental com velcro onde os personagens possam ser fixados, fantoches ou dedoches, os fantoches de vara, de mão e de dedo são excelentes recursos para contar histórias aos pequenos, além disso são estimuladores da imaginação e da linguagem, facilitando a concretização das fantasias e a expressão dos sentimentos.

Os bonecos atraem as crianças proporcionando o prazer de dar vida e voz a eles; graças ao fantoche pode-se superar a timidez que dificulta a comunicação e podem ser expressos sentimentos. O teatro de fantoches ensina

a criança a prestar atenção no mundo sonoro, é um excelente recurso didático onde os professores podem abordar assuntos do conteúdo programáticos, focalizando o interesse para o assunto proposto, enriquecendo a aula. Neste contexto também a música, tem o poder de alterar o comportamento incentivando a realização das atividades com prazer, diversas são as músicas infantis que podem ser trabalhadas nas diferentes modalidades e estratégias educacionais. A educação ganha força ao aliar-se a expressão oral, expressão plástica e as emoções.

Para a escritora de literatura infantil e juvenil, pedagoga, atriz e contadora de histórias profissional Fanny Abramovich os cuidados e preparos do professor/contador de histórias se referem a: 1. Saber escolher o que vai contar, levando em consideração o público e com qual objetivo; 2. Conhecer detalhadamente a história que contará; 3. Preparar o início e fim no momento da contação e narrá-la no ritmo e tempo que cada narrativa exige; 4. evitar descrições imensas e com muitos detalhes, favorecendo o imaginário da criança; 5. Mostrar à criança que o que ouviu está ilustrado no livro, trazendo-a para o contato com o objeto do livro e, por consequência, o ato de ler; 6. e por último, saber usar as possibilidades da voz variando a intensidade, a velocidade, criando ruídos e dando pausas para propiciar o espaço imaginativo.

Segundo a escritora, mediadora em projetos de oralidade, leitura e literatura infanto-juvenil e narradora oral de histórias, Cléo Busatto, o professor/contador deve descobrir as razões pelas quais contar histórias, para

quem contá-las e em que contexto. Salienta a importância de o professor/contador estar sensibilizado com a narração; é preciso que haja identificação entre o narrador e o conto. Com a história escolhida, o passo seguinte é estudá-la, buscando suas intenções e apreendendo seu simbolismo.

A postura corporal do professor/contador sobre o contar sentado ou em pé são escolhas que advêm das características inerentes ao conto e do jeito de ser e funcionar naturalmente o educador. O importante é ter uma postura corporal ereta e equilibrada, com musculatura relaxada, permitindo flexibilidade e expressividade corporal, possibilitando uma linguagem do corpo harmoniosa e, por conseguinte, possibilidades de sintonia com a história a ser narrada. Um corpo flexível favorece a utilização de gestos com leveza e naturalidade.

Cléo Busatto, porém aponta para a facilidade que o contar em pé permite, no sentido de permitir a criação de imagens corporais; além disso, chama a atenção para a ligação entre o professor/contador e as crianças através do contato visual, olho no olho. No contato olho a olho, a manutenção do interesse no que se está dizendo acontece e, ao mesmo tempo, envolve o ouvinte e o valoriza, fazendo deste, parte da narração. O olhar projetado para a criança, além de acontecer enquanto se fala prendendo sua atenção, também pode preencher um silêncio, levando a criança a ter expectativa e interesse para o que será dito logo em seguida, deixando espaço para a imaginação agir.

É interessante levar as crianças a participarem da contação, essa energia infantil deve ser direcionada e aproveitada no contexto da história, ficando os alunos incumbidos de fazer o toque de uma campainha ou outra onomatopeia qualquer, esses recursos interativos convidam a criança a ser uma ouvinte ativa e não passiva. No momento da narração da história o professor/contador de histórias necessita de uma diversidade de material (contos maravilhosos, fábulas, lendas, mitos, poesias, adivinhas e livros de imagens) adequado a sua faixa etária. Antes de iniciar uma fábula, declamar uma poesia, pedir licença para atender uma ligação imaginária de um personagem folclórico, enfim transitar pelos gêneros proporciona dinamismo e empolgação na hora da narração, prende a atenção dos alunos e leva-os a conhecerem novos gêneros textuais.

Os contos tradicionais, como os contos de fadas – com linguagem simbólica, auxiliam a criança nos seus momentos de angústia e insegurança emocional, trazendo conforto e restaurando a confiança a partir da resolução com um final feliz. A literatura educa através dos contos e historietas moralizantes tradicionais que ainda são encontradas em livros didáticos e alguns livros de crianças, mesmo que às vezes disfarçados.

Os contos modernos são narrativas originais criadas por autores contemporâneos que trazem uma renovação do universo maravilhoso, abordam o cotidiano das crianças, desde as situações mais comuns até temas sociais,

existenciais, éticos, religiosos de nossa época e com os quais estes estão em contato.

O livro de imagens é outro recurso da contação de histórias, sendo que este nos traz histórias narradas por meio de imagens não utilizando o texto verbal, uma forma de literatura infantil pouco explorada. As imagens são narrativas com conteúdos de descrição e ação ao contrario das ilustrações decorativas dos livros infantis, com muitos detalhes da história, entre uma imagem e outra, que devem ser imaginados pelo leitor ou contador, com passagem de tempo e mudanças espaciais importantes destacando-se o gestual das personagens e tudo que for indicador de ação e movimento para que a história possa ser bem compreendida. Um trabalho com crianças apontando ou levando-as a descobrir esses elementos que fazem progredir a ação ou que explicam espaço, tempo, aspectos dos personagens, etc.; conduzirá a leitura da imagem, ao mesmo tempo em que desenvolve a capacidade de observação, análise comparação, classificação, levantamento de hipótese, síntese e raciocínio.

Ler a história antes de contá-la as crianças é um cuidado do contador para averiguar do que trata se é engraçada, triste, séria e qual a entonação que usará. Segundo Busatto (2003) narrar não é um ato simples e banal, é uma arte que requer preparo do educador. A contação de histórias tem como protagonista principal a palavra – em que o ouvir leva ao imaginar e o narrar deve encantar. Segundo Abramovich (1991) contar histórias é o uso simples e harmônico da

voz. A expressão, a entonação bem usada repassando sentimentos e a clareza no dizer são técnicas fundamentais ao professor/contador.

Importante também é uma pré-leitura pelo professor, indicando as crianças o que esperar da história, ou que prestem à atenção em algo específica, numa pós- leitura depois da contação, é interessante perguntar ao grupo o que acharam dos personagens, que descrevam o lugar onde a história acontece ou se gostaram do final. Pergunta mais específica desenvolvem a atenção a detalhes e a capacidade de lembrá-los, questões abertas sobre a história são boas para a discussão em sala e ajudam a criança a aprender a relacionar suas experiências particulares e de outras pessoas.

É preciso que o professor tenha uma formação literária básica capaz de analisar os livros infantis selecionando o que pode interessar as crianças e decidindo sobre elementos que sejam úteis para a ampliação do seu conhecimento, como recomenda o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil Vol.3 “a intenção de fazer com que as crianças, desde cedo, apreciem o momento de sentar para ouvir histórias exige que o professor, como leitor, preocupe-se em lê-la com interesse, criando um ambiente agradável e convidativo à escuta atenta, mobilizando a expectativa das crianças, permitindo que elas olhem o texto e as ilustrações enquanto a história é lida.” (p.143).

O horário adequado é aquele onde as crianças estão relaxadas, para pensar sobre a história que viram ou escutaram mostrar o livro a criança e deixar que esta o manuseie é importante para a interação com o objeto, antes do recreio

ou almoço ou ao final do dia são os melhores momentos para a contação. Quando ao espaço físico, sugere ambientes fechados, que evitem a dispersão, como a sala de aula, o bom é criar um ambiente de aconchego e a proximidade mantendo as crianças próximas em círculo.

O ideal é trabalhar com a contação de histórias desde a educação infantil. Respeitando o estágio de desenvolvimento em que as crianças se encontram. Antes de completarem 03 anos as crianças vivem num mundo muito concreto, suas brincadeiras são relacionadas ao real, gostam de histórias que falam de limpar a casa, ir nadar, dirigir um carro, fazer um bolo ou passear no parque, isso porque ainda estão sendo apresentadas a essas coisas do mundo, gostam de reconhecer e rever no livro o que já conhecem, mas a partir dos 03 e 04 anos começam a viver no mundo da imaginação, onde uma atividade vividamente imaginada é como se fosse real. Uma narração de conto com apoio visual – desenhos, encenação com brinquedos e bonecos ou com muitos gestos expressivos – prendem muito mais atenção desta faixa etária do que se fosse apenas contada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento infantil se dá num processo criado pela própria criança a partir das interações que vivencia, sendo assim, a literatura infantil em

especial a contação de histórias na educação infantil e ensino fundamental, como atividade interativa e pedagógica mediada pelo educador contribui para este desenvolvimento.

Além disso, a história permite o contato das crianças com o uso real da escrita, leva-as a conhecerem novas palavras, a discutirem valores como o amor, família e trabalho, e a usarem a imaginação, desenvolvem a oralidade, a criatividade e o pensamento crítico, auxiliam na construção da identidade do educando, seja esta pessoal ou cultural, melhoram seus relacionamentos afetivos interpessoais e abrem espaço para novas aprendizagens nas diversas disciplinas escolares, pelo seu caráter motivador sobre a criança.

Por isso é indispensável que o educador tenha conhecimento dos benefícios dessa prática sobre o desenvolvimento infantil, e saiba utilizá-lo adequadamente em sala de aula no ensino e aprendizagem dos seus educandos, ou na pedagogia hospitalar, como potencializadora dos conteúdos trabalhados e ferramenta interdisciplinar, e não apenas por isso, mas também como uma fonte de prazer, conhecimento e emoção, onde o lúdico se torna um eixo condutor no estímulo à leitura e à formação de uma geração leitora e escritora de alunos.

Entrar em sala de aula deveria ser considerado um ato sagrado; deveríamos estar em sintonia com o Conhecimento, com o Criador e com a alegria de viver, de exercer um ofício condizente com os nossos desejos mais sagrados (RIBEIRO, 2008, p.20).



MÓDULO IV - CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: RESGATE DA MEMÓRIA E ESTIMULO À IMAGINAÇÃO⁴

Autoras: Shirlei Milene Torres/ Ana Lúcia Liberato Tettamanzy

Antes da escrita, todo saber era transmitido oralmente. Deve-se a isto toda a importância dada à memória nas sociedades tradicionais, pois a memória

⁴ Módulo IV - reprodução total - CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: RESGATE DA MEMÓRIA E ESTIMULO À IMAGINAÇÃO - Autoras: Shirlei Milene Torres/ Ana Lúcia Liberato Tettamanzy – Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/NauLiteraria/article/viewFile/5844/3448..>

era o único recurso para armazenar e transmitir o conhecimento às futuras gerações. O ato de contar histórias remete a este tempo em que o homem confiava na sua memória e nas suas experiências, resgatando qualidades tão necessárias ao desenvolvimento humano.

Ó mui talentoso Tote, enquanto um homem tem a capacidade de criar uma nova habilidade, outro a tem para julgar se ela será bênção ou maldição para seus usuários. Agora você, o pai das letras, com sua afeição, vê nelas o oposto do seu verdadeiro poder. Pois esta invenção fará com que aqueles que usam percam o saber em suas mentes, negligenciando suas memórias; visto que, através desta confiança nas letras que são externas e alheias à mente, eles perderão sua capacidade de recordar coisas dentro de si mesmos. Você não inventou um medicamento para fortalecer a memória, mas um substituto inferior para ela. Você está proporcionando aos seus alunos uma maneira de parecem sábios sem verdadeira sabedoria. (SCHOLES & KELLOGG, 1977, p. 12)

Numa cultura oral, para se resolver efetivamente o problema de retenção do pensamento, já que não temos a presença da escrita, é necessário que ele surja através de padrões fortemente rítmicos, equilibrados, em repetições ou antíteses, em aliteraões e assonâncias, em expressões epítéticas ou outras expressões formulares, em conjuntos temáticos padronizados. Afinal, “sabemos o que podemos recordar” (ONG, 1998, p. 44). Somente sabemos, realmente, aquilo que guardamos em nossa mente, o que é significativo. “As fórmulas (...)”

funcionam como apoios mnemônicos, como expressões fixas que circulam pelas bocas e pelos ouvidos de todos” (ONG, 1998, p. 45). Podemos dizer que nunca houve nenhuma sociedade que não tivesse a necessidade de fabular, de inventar-se ou de construir seus mitos e seu imaginário. Toda civilização que existiu contou.

Numa sociedade de imensa mecanização como a nossa, a contação de histórias faz refletir sobre qualidades esquecidas. A valorização do conhecimento transmitido pela oralidade recompõe o valor das experiências coletivas.

O ofício de contar histórias é remoto (...) e por ele se perpetua a literatura oral, comunicando de indivíduo a indivíduo e de povo a povo o que os homens, através das idades, têm selecionado da sua experiência como mais indispensável à vida. (MEIRELES, 1979, p. 41)

O hábito de ouvir histórias desde cedo ajuda na formação de identidades; no momento da contação, estabelece-se uma relação de troca entre contador e ouvintes, o que faz com que toda a bagagem cultural e afetiva destes ouvintes venha à tona, assim, levando-os a ser quem são. “Contar histórias é uma arte porque traz significações ao propor um diálogo entre as diferentes dimensões do ser” (BUSATTO, 2003, p. 10).

Somente me constituindo como sujeito, posso aspirar a igualdade na minha relação com o outro. E a arte cumpre um papel nesse sentido. Dizendo quem sou através do que faço, dialogo com os outros em um processo poroso que permite interpenetrações criativas, por meio de formas, sons, cores e palavras. (FARIA & GARCIA, 2002, p. 121)

Muitos educadores ainda não descobriram o quanto as histórias podem ajudá-los; muitos continuam utilizando as histórias, quando utilizam, apenas para acalmar os educandos e não veem as várias possibilidades de uma boa história. O principal objetivo em contar uma história é divertir, estimulando a imaginação, mas, quando bem contada, pode atingir outros objetivos, tais como: educar, instruir, conhecer melhor os interesses pessoais, desenvolver o raciocínio, ser ponto de partida para trabalhar algum conteúdo programático, assim podendo aumentar o interesse pela aula ou permitir a auto-identificação, favorecendo a compreensão de situações desagradáveis e ajudando a resolver conflitos. Agrada a todos sem fazer distinção de idade, classe social ou circunstância de vida.

Se observarmos o que diz Paulo Freire (1982) sobre leitura, podemos afirmar que é a partir da leitura de mundo que o ser humano aprende a ler os demais textos. Levando em consideração tal reflexão, a literatura oral, por expandir a leitura de mundo, é uma eficaz ferramenta para aguçar a curiosidade por outras artes e excitar a imaginação. Por isso, as salas de aula, antes de serem

lugares onde existem livros com suas histórias presas em si, devem ser lugares onde as vozes correm vivas e entram em cabecinhas ávidas por imaginar.

Ninguém tem que ser obrigado a ler nada. Ler é um direito de cada cidadão, não é um dever. É alimento do espírito. Igualzinho a comida. Todo mundo precisa, todo mundo deve ter a sua disposição – de boa qualidade, variada, em quantidades que saciem a fome. Mas é um absurdo impingir um prato cheio pela goela abaixo de qualquer pessoa. Mesmo que se ache que o que enche aquele prato é a iguaria mais deliciosa do mundo. (MACHADO, 2002, p. 15)

Começar a ler deve ser uma iniciativa própria de cada um, precisamos apenas indicar os caminhos para que as pessoas despertem seu gosto pela leitura. “(...) entre as aquisições da infância, a riqueza das tradições, recebidas por via oral. Elas precederam os livros, e muitas vezes os substituíram. Em certos casos, elas mesmas foram o conteúdo desses livros.” (MEIRELES, 1979, p. 42).

Um dos principais objetivos da escola é fazer com que os alunos gostem de ler. Mas, não podemos obrigá-los a isto, temos sim que encontrar formas de persuadir os alunos para que eles próprios busquem a leitura. Para isto, um caminho possível é o da contação de histórias, pois, como diz MEIRELES: “o gosto de ouvir é como o gosto de ler”. Alguém que toma gosto em ouvir histórias, provavelmente, procurará lê-las também. Ou, até mesmo, chegará a escrevê-las, já que “o gosto de contar é idêntico ao de escrever e os primeiros

narradores são os antepassados anônimos de todos os escritores” (1979, p. 42). A contação ajuda, principalmente, os alunos vindos de famílias analfabetas (incluem-se aqui também os analfabetos, chamados funcionais – sabem decodificar as letras, mas não sabem compreendê-las), já que estas crianças não seriam mais inseridas diretamente num discurso formal e científico, intitulado como oficial; partiriam do que lhes é conhecido.

Ao entrar em contato com um conto maravilhoso, uma quadrinha ou um dito da sabedoria popular, o estudante talvez pense: “Peraí! Meus pais conhecem isso! Isso eu já ouvi! Isso faz sentido para mim!” A partir daí, é perfeitamente possível imaginar que tal aluno volte para casa, conte o conto que aprendeu na escola e, no dia seguinte, traga outros contados pelo pai ou por algum parente. (AZEVEDO, 2004, p. 158)

Ao trabalhar com formas populares (parlendas, música, contos, etc) eles podem vir a reconhecer a cultura de sua própria família, ou melhor, podem perceber que sua gente também tem cultura.

(...) é a Literatura Tradicional a primeira a instalar-se na memória da criança. Ela representa o seu primeiro livro, antes mesmo da alfabetização, e o único, nos grupos sociais carecidos de letras. Por esse caminho, recebe a infância a visão do mundo sentido, antes de explicado; do mundo ainda em estado mágico. (MEIRELES, 1979, p. 66)

O romancista José Lins do Rego, por exemplo, ouvia muitas histórias orais tradicionais de uma ex-escrava, no engenho; isto fez com que seus livros fossem permeados por traços da oralidade dessas histórias que ouvia. Há também outros casos, como Ariano Suassuna e João Guimarães Rosa, grandes escritores de língua portuguesa, que beberam das histórias populares para compor suas obras. O próprio Guimarães diz em uma entrevista:

Nós, os homens do sertão, somos fabulistas por natureza (...) desde pequenos, estamos constantemente escutando as narrativas multicoloridas dos velhos, os contos e lendas (...) deste modo a gente se habitua, e narrar estórias corre por nossas veias e penetra em nosso corpo, em nossa alma, porque o sertão é a alma de seus homens. (ARROYO, 1984, p. 19)

Os contadores que se utilizam de histórias tradicionais o fazem por basear-se no seu vínculo com a vida concreta, como também com o sagrado. No momento em que ocorre a valorização das raízes, das religiões, das manifestações culturais, das expressões artísticas, etnia e raças, como também no compartilhamento da própria história, podemos ter a base sobre a qual se estruturam os processos identitários (cf. FARIA & GARCIA, 2002, p. 126). Os contos possibilitam enxergar as diferenças culturais e constatar que a diversidade é saudável. Auxiliam “a expansão da nossa consciência ética e estética” (BUSATTO, 2003, p. 38).

Vemos nas histórias elementos identificadores do cotidiano do povo, mesmo quando são histórias de reis e cavaleiros, já que os temas encontrados

no interior das histórias são universais. “A Literatura Tradicional apresenta esta particularidade: sendo diversa em cada país, é a mesma no mundo todo” (MEIRELES, 1979, p. 64). Contar histórias de origem na oralidade e na tradição popular restabelece um caminho que permite desenvolver um resgate da memória coletiva e do ato do ser humano de comunicar-se poeticamente. Além do que, nossa imaginação encontra um terreno fértil na literatura tradicional, já que os contos são curtos e econômicos, cabendo à imaginação completá-los. O conto da tradição popular, por ser econômico, se revela rico em imagens (cf. BUSATTO, 2003, p. 55), assim o ouvinte vai construindo todo o contexto da história conforme o que é sugerido pelo contador ao revelar as imagens do conto; imagens reveladas “a partir das formas, cores, sons e sensações presentes no seu corpo” (BUSATTO, 2003, p. 55). Essa é a grande magia das histórias, viajarmos para qualquer lugar, sem sairmos do lugar.

Contar histórias é arte performática, em que se tenta retransmitir os contos pelos meios nos quais surgiram, ou seja, através de voz, corpo e gesto. “A performance está presente. Você só pode me falar neste exato instante e eu não posso ouvir nada do passado” (ZUMTHOR, 1997, p. 61). É a própria criação do efêmero. “(...) performance designa um ato de comunicação como tal; refere-se a um momento tomado como presente. A palavra significa a presença concreta de participantes nesse ato de maneira imediata.” (ZUMTHOR, 2000, p.59)

O contador vibra, o ouvinte estabiliza, integrando-se àquilo que é ele próprio. Então, é ele que vibra de corpo e alma. A noção de performance perpassa a idéia da presença de um corpo (cf. ZUMTHOR, 2000). A contação de histórias em performance permite a interação entre contador e ouvintes, o corpo e a voz propiciam vivências comunitárias, perdidas na aceleração da vida moderna.

O corpo é o peso sentido na experiência que faço (...). Meu corpo é a materialização daquilo que me é próprio, realidade vivida e que determina minha relação com o mundo (...). Na situação performancial, a presença corporal do ouvinte e do intérprete é presença plena, carregada de poderes sensoriais, simultaneamente, em vigília. (ZUMTHOR, 2000, p. 28 e 80)

Para quem está narrando (contando), o conto significa a realização simbólica de um desejo; o contador domina a plateia como se fosse um caçador abatendo sua presa, “vem daí o prazer em contar, prazer de dominação – associado ao sentimento de pegar aquele que escuta na sua armadilha” (ZUMTHOR, 1997, p. 55). “Antes de sensibilizar o ouvinte o conto precisa sensibilizar o contador” (BUSATTO, 2003, p. 55). É necessário que exista identificação entre conto e contador, para que este possa conduzir a narrativa da melhor forma. Cada contador coloca nas histórias um pouco de sua personalidade, priorizando passagens que, de alguma forma, dialogam mais com seu íntimo. É essa identificação entre o conto e seu contador que faz a diferença, pois dessa integração dependerá o sucesso da performance. É como

se o conto escolhesse o contador e não o contrário. “É preciso ter tempo para sonhar os contos, isto é, ruminá-los interiormente, mas também é preciso ter a oportunidade de praticá-los, senão podem ser esquecidos” (SIMONSEN, 1987, p. 29). O contador deixa que a história mergulhe nele e só depois ele conta; primeiro se apropria da história para depois contá-la. “Ele precisa de tempo para deixar que a história mergulhe em seu próprio estoque de temas e fórmulas, tempo para “se emprenhar” da história. Quando recorda e reconta a história, em nenhum sentido literal da palavra ele “memorizou” (...).” (ONG, 1998, p. 73)

A performance aspira à qualidade de rito, pois transporta para outro lugar e para outro tempo. Através da performance consegue-se acelerar o movimento de identificação a ponto de provocar uma participação coletiva da plateia. No momento em que se consegue atingir a plateia, acontece uma experiência. É através do corpo que vivemos a experiência da performance. No momento em que estamos vivenciando a performance, estamos em processo de transformação. “O corpo é ao mesmo tempo o ponto de partida, o ponto de origem e o referente do discurso” (ZUNTHOR, 2000, p. 90).

Como nos fala BONDÍA (2002, p. 21): “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca”. A performance só acontece quando contador e plateia permitem-se experimentar; quando ambos estão abertos à transformação. Isto porque “a performance modifica o conhecimento” (ZUNTHOR, 2000, p. 37), comunicando ela o marca.

É experiência aquilo que “nos passa”, ou nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação (...). Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. (BONDÍA, 2002, p. 26-27)

O acontecimento é comum, como numa contação de histórias, por exemplo. A plateia ouve uma mesma história, mas o modo como cada pessoa experimentará será diferente. Quando há a performance, dá-se uma troca entre contador e ouvintes, dessa forma, também, cada vez que a história for contada, o contador contará de forma diferente, pois o ambiente, as pessoas e até mesmo o seu estado de espírito influenciarão em sua performance. Podemos dizer que, a cada contação, o contador conta uma história diferente, mesmo que aparentemente seja a mesma. “Cada performance nova coloca tudo em causa. A forma se percebe em performance, mas a cada performance ela se transmuda” (ZUMTHOR, 2000, p. 38-39). Durante a performance o ouvinte produz imagens; o virtual frequenta o real; segundo ZUMTHOR (2000, p. 96) nossa percepção do real é frequentada pelo conhecimento virtual – resultante da acumulação da memória corporal. Uma história nunca vai provocar a mesma sensação nas diversas pessoas que a ouvem. “É a história da vida de cada um que determinará com que cores e com que música ela vai soar” (BUSATTO, 2003, p. 18).

Sempre que ouvimos uma história, ativamos nossa memória corporal, pois antes de recebermos a história de forma racional a recebemos através das sensações corporais. Toda contação de histórias vai ao encontro das ansiedades da plateia, já que cada ouvinte se identificará com a história, ou mesmo com parte da mesma, posto que dialoga com sua realidade atual. “A arte de contar histórias nos liga ao indizível e traz resposta às nossas inquietações” (BUSATTO, 2003, p. 9).

Ao utilizar-se a contação de histórias, todos saem ganhando, sejam os ouvintes, que serão instigados a imaginar e criar, seja o contador, que terá a oportunidade de recriar um ambiente de resgate da memória. E, ao pensarmos na escola, tanto os alunos como os professores terão uma aula muito mais atrativa e motivadora. Assim, quem mais sai ganhando é, na verdade, a sociedade, que receberá cidadãos mais criativos e capazes de conviver com a diversidade.



MÓDULO V - TÉCNICAS PARA ENRIQUECER A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO AMBIENTE ESCOLAR⁵

Autores: DILL, Daiane/ STROHSCHNEIN, Viviane/ KIRCHNER,
Elenice Ana

1 INTRODUÇÃO

⁵ Módulo V – Reprodução total - TÉCNICAS PARA ENRIQUECER A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO AMBIENTE ESCOLAR - Autores: DILL, Daiane/ STROHSCHNEIN, Viviane/ KIRCHNER, Elenice Ana – Disponível em: <http://faifaculdades.edu.br/eventos/SEMIC/6SEMIC/arquivos/resumos/RES20.pdf>

O Brasil vem passando por diversas transformações desde o início de sua colonização, com a vinda dos portugueses. A educação também é marcada por profundas transformações e sua história começa oficialmente com a chegada dos colonizadores ao país.

Todavia, quando se fala sobre a história da educação, se fala sobre uma eterna evolução, ao passo que não se pode jamais considerar este tema por encerrado. Certamente nos dias atuais, as mudanças continuam ocorrendo, a cada dia, a cada hora. Portanto, não se pensa em educação sem se pensar na palavra mudança.

Visto as mudanças que ocorrem tanto em nosso país quanto em sua educação, pode-se afirmar que atualmente as crianças já não aceitam mais qualquer coisa em sala de aula, a contação de história que foi muito utilizada, desde o início da trajetória humana, hoje perde seu encantamento perante as crianças.

Notoriamente, muitos são os desafios encontrados na educação, mas cabe ao professor, trabalhar de forma encantadora, estimulante, respeitosa e comprometida, buscando sempre proporcionar ao seu aluno uma educação de qualidade, possibilitando assim, seu desenvolvimento integral.

Pensando assim, acredita-se ser necessário proporcionar a oficina intitulada “Era uma vez...”, para o Ensino Normal/Médio, no intuito de reavivar a arte de contar história no âmbito escolar, bem como ressaltar sua importância no desenvolvimento integral da criança.

2 CONTRIBUIÇÃO DA OFICINA PARA A FORMAÇÃO DO ESTUDANTE DO ENSINO MÉDIO

Com o intuito de articular teoria e prática, escolheu-se a realização de uma oficina pedagógica como forma de construção de conhecimentos, sendo esta uma maneira agradável e inteligente de uni-las com a utilização de dinâmicas e estratégias que possibilitem a interação entre ambas, em um espaço e tempo organizados para a ação e reflexão do tema escolhido.

Pensando na oficina como um modo de mediar conhecimentos e oportunizar vivências, entende-se que a literatura infantil é um universo mágico e encantador e por isso atribui-se grande valor e acredita-se que conhecê-la melhor trará grandes contribuições para a formação dos alunos do curso de Magistério.

Assim como Busatto (2003), questiona-se sobre o motivo de se contar histórias, e percebe-se a importância que esse ato possui. A literatura infantil se constitui de maravilhosas histórias que fascinam milhares de crianças, e, por que não, adultos, com seus príncipes, princesas, castelos, animais que falam e com seus finais felizes. As histórias proporcionam prazer para quem as ouve e quem as lê, pois cada uma delas traz em sua trama um significado que se atribui à vida humana. Concorda-se com Busatto quando afirma que

Ao contar histórias atingimos não apenas o plano prático, mas também o nível de pensamento, e, sobretudo, as dimensões do mítico-simbólico e do mistério. Assim, conto histórias para formar leitores; para fazer da diversidade cultural um fato; valorizar as etnias; manter a História viva; para se sentir vivo; para encantar e sensibilizar o ouvinte; para estimular o imaginário; articular o sensível; tocar o coração; alimentar o espírito; resgatar significados para nossa existência e reativar o sagrado. (2003, p. 45)

A história a ser contada, precisa ser pensada e analisada no momento de sua escolha, em virtude que esta comunicará uma mensagem aos seus ouvintes. Ao contar uma história está se oportunizando um momento de imaginação, de viagem, relaxamento, conhecimento e prazer, e quando ela é contada com o coração, pode apresentar valores que em outras ocasiões passariam despercebidos. De acordo com Dohme (2010), com o auxílio das histórias, podemos trabalhar diversos aspectos internos da criança, como a criatividade, o caráter, imaginação, raciocínio, disciplina e senso crítico. Por isso, a literatura infantil é tão importante para o desenvolvimento da criança, pois facilita a compreensão de valores e sentimentos que fazem parte de sua vida, muitas vezes identificando-se com os personagens ou com a situação apresentada.

O passo inicial para um momento significativo de contação de história é necessariamente conhecer a história. Assim o contador, tendo a compreensão do que apresenta à narrativa, saberá escolher a melhor técnica para apresentá-

la, possibilitando, se necessário, fazer adaptações de acordo com a faixa etária ou para ressaltar determinados elementos. Para Busatto,

Antes de sensibilizar o ouvinte o conto precisa sensibilizar o contador. A maneira como enxergamos o conto será a mesma maneira com que o outro irá vê-lo. Se o considerarmos uma mera distração e entretenimento, será assim que ele irá soar, porém, se acreditarmos que ele pode ser uma pequena luz lançada no nosso caminho, ele será ouvido como tal. Não é por acaso que Lewis Carrol se referia aos contos como presentes de amor. (2003, p. 47)

Assim, quando se conhece a história a ser narrada, cria-se com ela um envolvimento capaz de permitir uma condução com mais sentimento e verdade sobre aquilo que se quer transmitir.

Inegavelmente, a criança que possui contato com livros e histórias desde pequena aprende a lidar com diversas situações. Desta forma, possibilitando a criança enfrentar e solucionar seus problemas com maior facilidade.

Sendo assim, afirma-se que a literatura infantil possui aspectos relevantes para o desenvolvimento total da criança, principalmente no que diz respeito a sua contribuição na construção dos valores humanos. Oportunizando também, através do contato, desde cedo, com a literatura infantil a formação de futuros leitores.

2.1 PLANEJANDO AS AÇÕES DA PRÁTICA DOCENTE NO ENSINO NORMAL/MÉDIO

A prática mesclou conteúdo teórico com atividades práticas possibilitando ao aluno, futuro professor, vivenciar na prática o conhecimento que lhes foi transmitido, seguiu a seguinte estruturação:

* Acolhida com a fábula “Cidade da Felicidade” da autora Hingrith Vanessa Rhoden

Foppa;

* Conhecendo a turma: entrega de “Carinhos Quentes” conforme a fábula citada acima;

* Apresentação do tema “Era Uma Vez...”;

* Trabalhando os valores: História do “Pequeno Wili”;

* Música “O Cão foi à Cozinha”;

- * Contando uma história: “O Patinho Feio”;
- * Dicas para a escolha da história conforme a faixa etária;
- * Visualizando diversos tipos de livros;
- * Atividade dinâmica: “Carrinho”;
- * Atividade dinâmica: “O Pato Pateta”;
- * Criando uma história;
- * Adaptação de história: “Ari Areia, Um Grãozinho Apaixonado”;
- * Utilizando recurso auxiliar sonoro: história “Chapeuzinho Vermelho”;
- * Dançando Borboleta Eufrida, do autor Hani Awad;
- * Narrando uma história: adaptação “Castelo Vermelho”;
- * Interpretando a história: “Léo e Albertina”;
- * História cantada: “Os Três Porquinhos”;
- * Interpretando a história: “A Galinha Ruiva”;
- * Despedida.

2.2 ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE

A escola escolhida para a realização do nosso Estágio Supervisionado IV – Ensino Normal/Médio é a Escola de Educação Básica Professora Genoveva Dalla Costa, localizada no município de Riqueza – Santa Catarina.

De acordo com estudos realizados, percebeu-se que a escola existe desde 1930, quando sua denominação era “Primeira Escola”, e somente no ano de 2002 passou a se chamar “Escola de Educação Básica Professora Genoveva Dalla Costa”.

Um marco importante para a escola, quando em 1993, ampliou sua área de atuação, criando o Curso Normal/Médio, voltado à formação de Professores/as, séries iniciais do Ensino Fundamental, e reorganizado após, incluindo também habilitação para Professores/as na Educação Infantil.

2.3 ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE POR VIVIANE STROHSCHHEIN

No decorrer de minha caminhada acadêmica no curso de Pedagogia, cada estágio me trouxe um grande aprendizado e ao realizar o estágio em uma turma do Ensino Médio Normal, não poderia ser diferente.

Realizamos o estágio na Escola de Educação Básica Professora Genoveva Dalla Costa, na cidade de Riqueza- SC, em uma turma de Ensino Médio/Normal, na qual havia quatorze alunos com diferentes faixas etárias.

Na noite em que realizamos a observação, notamos que os alunos possuem muita vontade de aprender e agilidade na realização das atividades, pensando nisso o planejamento da nossa oficina ocorreu de modo que as dinâmicas proporcionassem muito movimento e envolvimento da turma. Assim, pensando com muito carinho, realizamos nossa oficina com o tema “Era uma vez”, o qual surgiu em conversa com a escola, pensando na necessidade de se conhecer e aprender um pouco mais sobre o universo da contação de histórias.

A noite da nossa oficina foi prazerosa e em cada atividade desenvolvida percebi o envolvimento e entusiasmo da turma ao realizá-las. Todas as atividades foram importantes, no entanto teve duas em especial que mais me marcaram, uma delas foi quando ao ler a história “Leo e Albertina” os alunos foram convidados para encená-la.

Foto 1: Encenando "Léo e Albertina".



Fonte: Arquivo próprio, 2014.

Acredito que esta foi a atividade mais significativa da noite, pois pude perceber nos alunos que participavam a alegria que eles tinham ao dizer as falas e realizar as ações. Para que uma aprendizagem seja internalizada, é fundamental que a maneira que ela é ensinada ocorra de forma significativa, pois quando esse processo é feito com prazer, maior será o grau de aprendizagem alcançado. Desse modo para Kishimoto (2010, p. 151)

Pela brincadeira a criança aprende a se movimentar, falar e desenvolver estratégias para solucionar problemas. A brincadeira tem papel preponderante na perspectiva de uma aprendizagem exploratória, ao favorecer a conduta divergente, a busca de alternativas não usuais, interagindo o pensamento intuitivo. Brincadeiras com o auxílio do adulto, em situações estruturadas, mas que permitem a ação motivada e iniciada pelo aprendiz de qualquer idade, parecem estratégias adequadas no potencial do ser humano para descobrir, relacionar e buscar soluções.

Outra atividade que me chamou atenção foi cantar e dançar a música “Borboleta Eufrida”. Nesse momento toda a turma participou com afinco e foi notável o prazer que eles tinham em realizá-la. Sendo esta uma música que fala sobre as diferenças, cada aluno teve liberdade para se expressar do modo que quisesse enquanto dançava. Acredito que momentos assim são fundamentais para o autoconhecimento e relaxamento do corpo.

Foto 2: Dançando "Borbolete Eufrida".



Fonte: Arquivo próprio, 2014.

Minha maior satisfação foi perceber que os alunos estavam gostando das atividades propostas, pois durante a preparação do projeto, bem como momentos antes da iniciação da oficina, a grande preocupação era se os alunos gostariam daquela noite e se aprenderiam algo significativo com ela. E nada mais gratificante do que terminar a noite com o sentimento de dever cumprido com competência.

Acredito que o período do estágio me permitiu vivenciar na prática o que é ser professor de uma turma de Ensino Médio/Normal, possibilitando-me, assim, compreender melhor a carreira do magistério e me ajudar a identificar

qual a área da educação que pretendo seguir. Nesse sentido, concordo com Mali quando afirma que

A melhor forma de treinar professores é colocá-los em sala de aula e observá-los enquanto ensinam. Universidades que deixam o estágio para os períodos finais do curso estão fazendo tudo ao contrário. Coloque o bebê dentro da água e veja se ele nada; se ele parecer ter uma habilidade natural, então ensine-o a nadar ainda melhor. Mas se o bebê ameaça afundar, tire-o da água, seque-o e encoraje-o a tentar aprender outra coisa. (2013, p. 94)

Sendo assim, o desenvolvimento do estágio me permitiu crescer como acadêmica e repensar minhas escolhas, visto que, em minha opinião, este foi o estágio mais complexo que desenvolvi, devido à faixa etária dos alunos. Ao trabalhar com as crianças, elas nos transmitem alegria e encantamento tornando a sala de aula um lugar agradável de estar, pelo contrário, estando com adolescentes e adultos, para aquele momento ser prazeroso, dependeu do meu esforço para fazer minha alegria chegar até eles e convidá-los a se encantarem por aquele momento, não sendo uma tarefa fácil, no entanto, também gratificante. Considero como o ensinamento mais relevante de que a preparação e um bom planejamento fazem toda a diferença para que algo seja bem feito.

2.4 ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE POR DAIANE DILL

No decorrer do curso de Pedagogia, percebemos a importância da realização dos estágios obrigatórios que compõe sua grade curricular, pois estes nos possibilitam conhecer e compreender um pouco mais o âmbito escolar, bem como seu processo de ensino- aprendizagem.

Nosso estágio supervisionado IV – Ensino Normal/Médio foi realizado na Escola de Educação Básica Professora Genoveva Dalla Costa, localizada no município de Riqueza - Santa Catarina. Primeiramente realizamos uma noite de observação, a qual foi muito proveitosa, pois pudemos conhecer a escola, sua rotina e a turma com a qual trabalharíamos. A turma com a qual realizamos o referente estágio é composta por 14 alunos de diferentes faixas etárias, sendo uma turma bem diversificada, e muito participativa.

Após a observação, levando em consideração alguns aspectos da turma, como suas diferentes faixas etárias e todos serem muito participativos, nós pensamos e elaboramos com muito carinho, uma oficina sobre contação de histórias, intitulada “Era Uma Vez...”.

Pensamos com muito carinho também um espaço acolhedor, capaz de nos proporcionar novas vivências e aprendizados. Zabalda nos coloca que costuma-se dizer que uma das tarefas fundamentais de um professor (...) é saber organizar um ambiente estimulante e possibilitar às crianças que assistem a essa aula terem inúmeras possibilidades de ação, ampliando assim, as suas vivências

de descobrimento e consolidação de experiências (de aprendizagens, afinal).
(1998, p. 53)

Da mesma forma Moreira afirma que

O ambiente de aprendizagem escolar é um lugar previamente organizado para promover oportunidades de aprendizagem e que se constitui de forma única na medida em que é socialmente construído por alunos e professores a partir das interações que estabelecem entre si e com as demais fontes materiais e simbólicas do ambiente. (2007, p. 56)

Analisando as palavras de Zabalda e Moreira, percebemos a importância de se trabalhar um ambiente que vá além de espaços desinteressantes e salas rotineiras, mas um espaço atrativo visando além do aspecto cognitivo, o afetivo e social.

Foto 3: Organização do espaço para a oficina.



Fonte: Arquivo próprio, 2014.

Nossa noite de prática iniciou-se com certo nervosismo, afinal estaríamos trabalhando com alunos/futuros professores, mas no decorrer das primeiras atividades o nervosismo foi diminuindo, até desaparecer por completo.

Iniciando a oficina realizamos nossa acolhida com a fábula “Cidade da Felicidade” e logo após fizemos uma dinâmica de apresentação, penso ter sido uma atividade de suma importância, pois acredito que o acolhimento é parte fundamental no processo de ensino- aprendizagem. Pois como nos aponta Cunha (2008, p. 51) “Em qualquer circunstância, o primeiro caminho para a conquista da atenção do aprendiz é o afeto”.

Dando prosseguimento a oficina, falamos um pouco sobre a escolha do nosso tema, e a importância da contação de histórias para as crianças, pois através das histórias podem-se trabalhar diversos valores, temas educacionais, entre outros. Como nos afirma Abramovich

É através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica... É ficar sabendo história, geografia, filosofia, política, sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula. (1989, p. 17)

Dentre tantas atividades desenvolvidas no decorrer da oficina, gostaria de destacar três atividades que acredito terem sido valiosíssimas. Primeiramente quero destacar a atividade na qual dançamos e cantamos com os alunos a música “Borboleta Eufrida” de autoria de Hani Awad.

Acredito que esta música nos possibilitou um entrosamento maior junto com a turma, foi um momento bem descontraído, o que acredito ser importante, pois sair um pouco da rotina faz com que a noite se torne prazerosa.

Outro momento da noite que particularmente me encantou, foi a participação empolgante de todos os alunos na história “Léo e Albertina” da escritora Christine Davenier, na qual eles a interpretaram de forma admirável.

Assim, concordo com Busatto (2003, p. 45) quando ela afirma que “[...] contar história é mais do que simplesmente falar bem, é ser um pouquinho ator. Contar bem uma história significa interpretá-la, e, às vezes, é necessário, além de narrar, interpretar um, dois e até mais personagens”.

E por último, gostaria de citar a atividade da história “O Patinho Feio”, na qual inicialmente a colega Viviane deu início a história lendo fielmente o livro, sem esboçar qualquer sentimento sobre, após a leitura da página, ela virava o livro para que eles pudessem ver a imagem. Para mim, este foi um momento até cômico, pois eles ficaram boquiabertos e se entreolharam como se dissessem “O que é que ela está fazendo? Elas não falaram até agora que não é assim que se conta uma história?”, foi então que eu interrompi dizendo que assim não há graça em ouvir uma história, eles imediatamente concordaram e riram, pois perceberam que a leitura era uma encenação, justamente realizada, para que eles percebessem o quanto importante são os gestos, o semblante e a voz do narrador ao contar uma história, foi então que pude perceber que nosso objetivo realmente estava sendo alcançado. Então, após eu narrei a mesma

história de forma mais atrativa, para que eles pudessem notar a diferença da leitura para a narrativa.

Foto 4: Narrando a história "O Patinho Feio".



Fonte: Arquivo próprio, 2014.

Ao final da noite sobrou-nos algum tempo, então tivemos que ser flexíveis para adicionarmos algumas atividades, mas como já estávamos preparados caso isso acontecesse, acredito que nos saímos bem.

Desse modo, acredito que esta oportunidade de prática docente para os alunos do Magistério foi de suma importância para nossa formação, pois é mais um espaço no qual o pedagogo pode atuar e conhecê-lo é importante. Cada nível de ensino tem suas peculiaridades e suas diferenças, e acredito ser importante conhecê-las, também, para percebermos em qual melhor nos encaixamos, penso não ter me identificado com esse nível de ensino, ministrar uma oficina foi muito bom, uma vivência que veio a agregar inúmeros aprendizados, porém, se fosse para trabalhar no dia a dia com alunos do Ensino Normal/Médio eu não gostaria.

Finalizando, gostaria de colocar que a cada estágio venho me surpreendendo com os alunos, e principalmente, com meu desempenho, pois cada novo estágio é um novo desafio e nos desafiamos a realizá-los sempre da melhor forma possível. Portanto, chegar ao final e ver que o trabalho desenvolvido com tanta atenção e carinho deu certo é imensamente gratificante.

Ficam na saudade os momentos que passamos junto com a turma, que nos recebeu com tanto carinho e respeito. Enfim, fiquei verdadeiramente feliz com a realização do nosso estágio do Ensino Normal/Médio, acredito que conseguimos alcançar nosso objetivo.

Gostaria de deixar como mensagem final do meu estágio uma frase de Freire (1996, p.

155) "Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar".

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar este artigo, gostaríamos de salientar que este estágio nos agregou inúmeros aprendizados. Relatar também, que durante a observação, prática e análise de nossa prática docente, encontramos alguns desafios em

nosso caminho, no entanto eles fazem parte de nosso crescimento, e buscando sempre ser e fazer melhor, eles foram sendo superados no decorrer de nossa caminhada. Assim, pudemos perceber algumas dentre tantas dificuldades enfrentadas pelo professor sua trajetória de magistério, nos fazendo refletir sobre sua importante formação e papel frente à sociedade.

Analisando as vivências de mais esse estágio, reafirmamos a ideia da importância de suas realizações, pois é através deles que descobrimos nossas fragilidades e potencialidades, também vivenciamos o encantamento do ser professor, suas responsabilidades, desafios, mas principalmente suas paixões. Os estágios nos proporcionam aprendizados que jamais encontraríamos nas teorias, nos dando suporte para ingressarmos na carreira do magistério de forma mais preparada e segura.

Contudo, entre as diversas dificuldades encontradas, conseguimos realizar, através de muito empenho, dedicação, amor e carinho, nosso estágio do Ensino Normal/Médio.



REFERÊNCIAS

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: UM RECURSO PEDAGÓGICO NO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM - Autores; Aline Macedo de Souza, Odair Benedito Francisco – Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:PLuH0s3rJQMJ:revistas.unoeste.br/revistas/ojs/index.php/ch/article/download/1919/1829+&cd=19&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>

A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL - Autora: SILVA, Angela Borba de Oliveira Prates – Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/a-importancia-da-contacao-de-historia-na-educacao-infantil/146813>

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL E ENSINO FUNDAMENTAL - Reprodução total - Autoras: Linete Oliveira de Souza (Uninove-SP)/Andreza Dalla Bernardino (Uninove-SP) - Disponível em: <http://saber.unoeste.br/index.php/educereeteducare/article/viewFile/4643/4891>

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: RESGATE DA MEMÓRIA E ESTÍMULO À IMAGINAÇÃO - Autoras: Shirlei Milene Torres/ Ana Lúcia

Liberato Tettamanzy – Disponível em:
<http://www.seer.ufrgs.br/NauLiteraria/article/viewFile/5844/3448..>

TÉCNICAS PARA ENRIQUECER A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO AMBIENTE
ESCOLAR - Autores: DILL, Daiane/ STROHSCHNEIN, Viviane/ KIRCHNER, Elenice Ana – Disponível
em: <http://faifaculdades.edu.br/eventos/SEMIC/6SEMIC/arquivos/resumos/RES20.pdf>

NÃO DEIXE DE SOLICITAR O SEU CERTIFICADO!!

Solicite agora mesmo seu certificado de **40 Horas** (no link abaixo)

[\[Clique aqui para solicitar certificado\]](#)



Veja um modelo do certificado!

